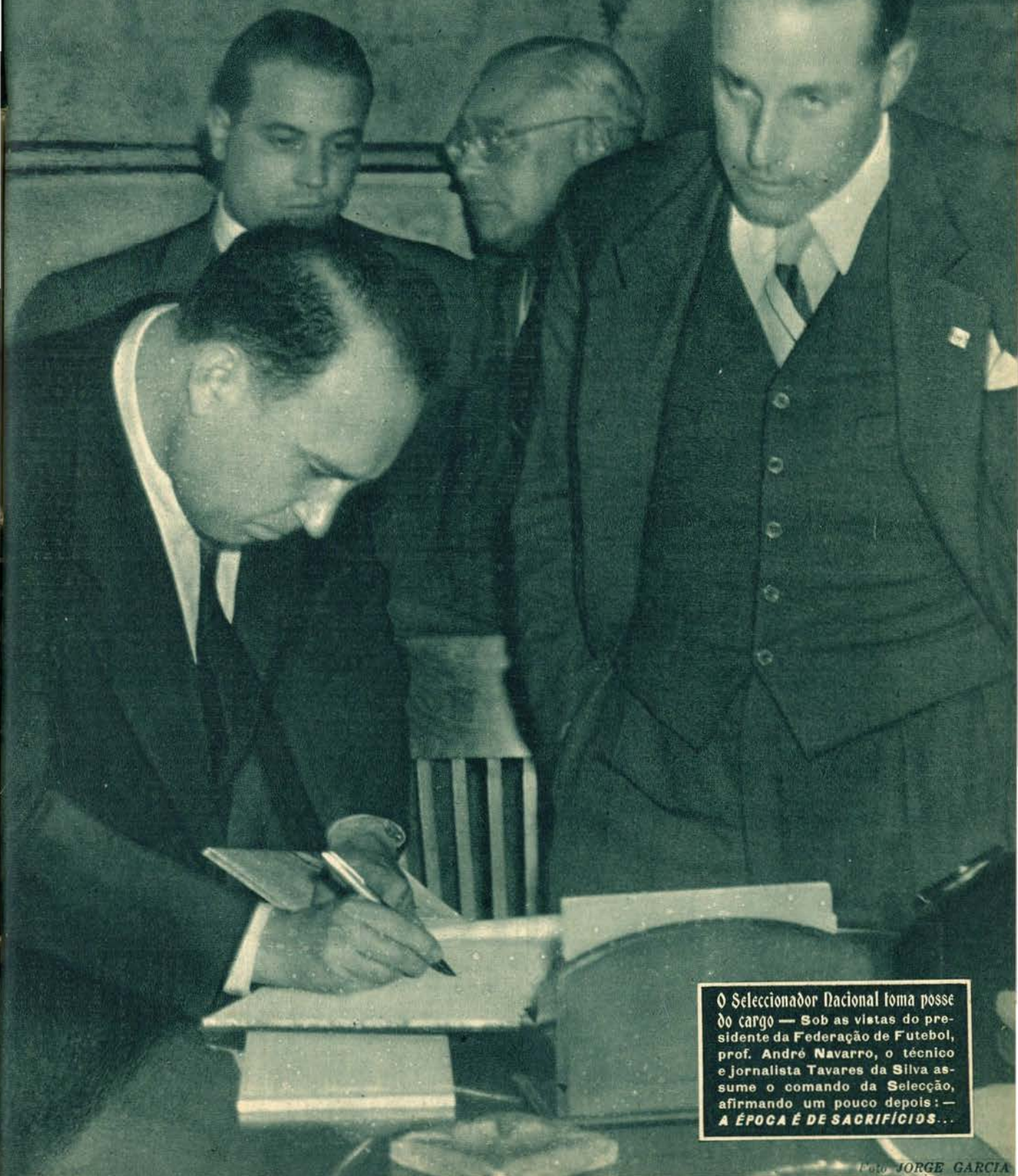


Stadium

N.º 413 ★ 1 de Novembro de 1950 ★ 2\$50



O Seleccionador Nacional toma posse do cargo — Sob as vistas do presidente da Federação de Futebol, prof. André Navarro, o técnico e jornalista Tavares da Silva assume o comando da Selecção, afirmando um pouco depois: — **A ÉPOCA É DE SACRIFÍCIOS...**

Foto JORGE GARCIA

REVISTA DESPORTIVA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

SITUAÇÃO INDECISA, EXCLUINDO O 1.º POSTO

Crónica de TAVARES DA SILVA

CALCULAVA-SE que a 7.ª jornada não provocasse grandes alterações, e afinal verificou-se o contrário. Em futebol não se pode dormir, e o que nos parece que vai suceder — não sucede. Talvez seja esse um dos grandes motivos de atracção do futebol de competição que, cada vez, arregimentam mais adeptos. O que se passou em Braga é deveras significativo, e prova que o futebol continua a dar grandes manifestações. Os adeptos, se encontram ou julgam encontrar alguma alegria na exibição dos clubes seus favoritos, deixam-se arrastar não se importando seja com o que for, e muito menos com a despesa que acarreta a sua paixão.

Os resultados são expressivos, e mais uma vez nos dizem a vantagem de jogar em casa, um factor que eleva os grupos mais fracos e os aproxima dos mais fortes.

O problema do título continua a inclinar-se a favor do Sporting, e mais acentuadamente à medida que a Prova decorre. Será um mal? Todos nós lamentamos um pouco que tal aconteça, mas a verdade é que o menos culpado é ainda o Sporting. O *team* afastou-se mais do Porto, conseguindo agora quatro pontos de vantagem sobre o campeão do Norte. Mas a jornada teve efeitos benéficos no que respeita ao Benfica, que estava numa posição que não condizia com a importância do clube. Posição que fazia mal, por todos os motivos ao futebol português.

O Benfica segue agora em 3.º lado-a-lado com a Académica, abrindo a sua classificação um raio de luz na Prova. Seja como for, o lugar da Académica resulta das boas actuações em casa, enquanto o grupo não nos dá uma bela alegria num encontro em que visite o campo do adversário.

Certamente, a situação em 3.º do Benfica e Académica deve encerrar-se com a devida prudência, tendo em vista que se lhe segue um grupo de três concorrentes a um ponto, e outro trio a dois pontos. Do 3.º ao 10.º classificado

há, pois, uma diferença de dois pontos, o que é quase nada.

Isto não dá tranquilidade aos clubes que se encontram a seguir à parelha da frente, abrindo as melhores perspectivas aos que estão um pouco mais atrazados, mesmo em cima, porém, dos que subiram mais, um degrau. Em semelhantes condições, verificam-se em geral movimentos alternados, para a frente e para trás, trocando os concorrentes a sua posição com a maior das facilidades. A incerteza da Tabela, no que respeita a postos do meio, valoriza o Torneio, podendo dizer-se, como as coisas se encaminham, que constituem o seu melhor atractivo.

Desceu para o fundo de poço a equipa da Covilhã, que tem possibilidades de sair de lá — mas que se encontra de momento numa posição que não é nada cómoda. A orientação dos covilhanenses consiste em cair a fundo no seu campo, arrancando todos os pontos, e em arriscar o menos possível no terreno do adversário. Para isso, porém, torna-se necessário que cada encontro em casa se transforme em triunfo, e a verdade é que os adversários encarregam-se muitas vezes em ruir o castelo de cartas. De resto, o futebol está sujeito a inúmeras contingências e ninguém poderá prever o que vai passar-se numa partida. Exceptuando o caso especial de algumas equipas, raras equipas, como facilmente se compreende, todos os concorrentes têm valor suficiente para ganhar. Os resultados não são uma conclusão a que se chegue antes do último apito.

Boavista e Olhanense, na companhia de Guimarães, subiram um pouco, tudo consistindo agora em saber se eles têm forças para se tirar da lama que já os suja ou se se deixam afundar de todo. Dos três, certamente, o Vitória de Guimarães parece ser o mais apetrechado, mas o Boavista revela nítida tendência para subir e o Olhanense esbraceja, tentando a salvação. Só o tempo dirá o que vai acontecer. Os resultados apurados foram os seguintes:

Sporting 6 — Setúbal 0
Benfica 9 — Oriental 0
Atlético 2 — Covilhã 0
Braga 1 — Porto 1
Olhanense 3 — Belenenses 2
Académica 3 — Guimarães 2
Boavista 2 — Estoril 0

A jornada teve o grande mérito de deixar a crítica satisfeita, reconciliando várias camadas associativas com os seus representantes.

Ao que parece, os leoninos exibiram-se em conjunto admiravelmente ao ponto de haver unanimidade de opiniões. Os setubalenses ofereceram fraca resistência, é certo, e desconjuntaram-se mais

cedo do que se aguardava, mettendo água por todos os lados. Se tal foi desagradável, ao menos permitiu que os sportinguistas puzessem em relevo a sua capacidade, que não é já o fruto de uma famosa linha atacante, mas também afirmação de uma defesa que está muito compenetrada e de uma parelha média em forma. O nível revelado por Verissimo causa, mesmo, pasmo a os quantos assistiram à partida, mas trata-se de um comportamento já por nós aguardado, pois o rapaz revela nas sessões de treino o bom momento que atravessa. Toda a máquina sportingue funciona de forma perfeita, deixando todos os assistentes embasbacados.

A derrota do Oriental diz suggestivamente da falta de experiência, e também da falta de valores que se nota na equipa. Os grupos como o Oriental, fora de casa se não querem passar martírios de golos, o que lhes cortará o entusiasmo, devem adoptar uma orientação puramente de defesa. Se jogam a aventura, arriscam-se a ser massacrados pelos *teams* mais adrextados, com mais calor moral. Note-se que o Benfica alinhbou com António Manuel na defesa, José da Costa na média e Manero na dianteira, o que alguma coisa quer dizer. Esperemos, porém, que o onze alinhbe fora do Campo Grande para vermos se, na realidade, se está em presença de uma ressurreição ou de um facto enganador. Para já, continuamos a ter a afirmação de um centro-dianteiro que, segundo nos dizem e de todo acreditamos, pois temos seguido a sua carreira carinhosamente, conseguiu marcar um golo, verdadeiro portento de técnica.

Assistimos ao encontro da Tapadinha e não perdemos o nosso tempo. Certamente, vimos muita coisa banal mas também tivemos oportunidade de presenciar dez minutos de jogo, por parte do Atlético, de verdadeira categoria. Foi Ben David, com o seu impulso generoso, e manobra que, não sendo perfeita, o classifica

como grande tático no plano do futebol, que conduziu o grupo à vitória. E esta tornou-se tanto mais valiosa quanto é certo que Covilhã soube defender-se e fazer render ao máximo o futebol. A carga do jogo recaiu na defesa e esta comportou-se esplendidamente, enquanto não foi destroçada. Depois, os golpes contrários sucederam-se e a defesa já não se reconstituiu em termos de cerrar fileiras.

Em Braga, o campeão do Norte não conseguiu exibição à altura da média conquistada nos anteriores encontros. Faltou garra à equipa, consciência da sua força e desejo de vitória. Os médios desorientaram-se e os interiores não corresponderam, permitindo o constraste de transformar a linha dos bracenses nos ataques mais perigosos. Com homens de bom domínio de bola, o trio bracense deu-se a lances de efeito e fantasia, destruindo a segurança do adversário. Este, como que surpreso, tinha o sentimento que se traduz nestas palavras: — Mas estes rapazes de Braga jogam muito bem!

Em Coimbra, a Académica prosseguiu na sua carreira vitoriosa em casa, no estádio municipal. Do mal o menos. Parece ter sido afortunada, mas a verdade é que o lance que deu a vitória correu a cargo de um jogador invulgarmente hábil e inteligente. E não devemos esquecer, de outro ângulo, que os estudantes chegaram a vencer por 2-0. Tudo quanto se passou depois a favor de Guimarães, que é um grupo que se sabe defender fora de casa. Boavista está a subir, como se verifica ao obter com facilidade um bom resultado contra o Estoril, o qual acusa enfraquecimento de valor global.

A dobradeira continuará a girar, estando ainda muitos problemas para resolver. Exceptuando alguns clubes, raros, por sinal, todos deym lembrar-se que poderão ainda afogar-se, o que é extraordinariamente desagradável para quem aprecia e gosta da Vida.

CLASSIFICAÇÃO

CLUBES	J.	P.	EM CASA			FORA			TOTAL			GOLOS F. C.	
			V.	E.	D.	V.	E.	D.	V.	E.	D.		
Sporting . .	7	14	4	0	0	3	0	0	7	0	0	28	7
F. C. Porto . .	7	10	3	0	0	1	2	1	4	2	1	19	7
Benfica . . .	7	8	3	0	1	0	2	1	3	2	2	26	15
Académica . .	7	8	4	0	0	0	3	4	0	3	16	19	
Atlético . . .	7	7	3	1	0	0	3	3	3	1	3	15	14
S. C. Braga . .	7	7	2	1	1	1	0	2	3	1	3	13	16
V. Setúbal . .	7	7	2	1	0	0	2	2	2	3	2	7	13
Estoril . . .	7	6	3	0	0	0	0	4	3	0	4	17	16
Belenenses . .	7	6	3	0	0	0	0	4	3	0	4	14	17
Oriental . . .	7	6	2	1	0	0	1	3	2	2	3	9	21
Guimarães . .	7	5	1	2	0	0	1	3	1	3	3	14	17
Boavista . . .	7	5	2	1	1	0	0	3	2	1	4	12	15
Olhanense . .	7	5	2	1	1	0	0	3	2	1	4	11	17
Covilhã . . .	7	4	2	0	1	0	0	4	2	0	5	17	22

Série II — Ano VIII — N.º 418
Lisboa, 1 de Novembro de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone 31157 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA
Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

O MAGNÍFICO INTERNACIONAL

DO BOAVISTA

considera VASQUES o melhor JOGADOR português

(Continuação da página 5)

Derivado o assunto para a selecção nacional, escutam os:

— O dr. Tavares da Silva, de novo seleccionador único, desfruta de enorme e justificada simpatia entre a rapaziada da bola. Foi felicíssima a sua escolha. Tem vinculada personalidade, sabe o que quer; tem visão e está à altura do ingrato lugar. Confio inteiramente na sua acção. Aqueles que forem escolhidos vão ter a preparação adequada e intensa que é necessária. Penso que os treinos se deviam efectuar, para obter conjunto e camaradagem, entre duas equipas de seleccionados, saindo dentre os 22 os onze titulares e suplentes, que jogariam, então, com outras equipas. O estágio na Venda do Pinheiro tem a minha preferência pelas excelentes condições que oferece. Ares esplêndidos e possibilidade de brincar com a bola, prazer a que nenhum se furta.

Instado para prosseguir, disse-nos:

— Há rapazes com valor, além dos nomes consagrados, que podem ingressar na selecção. Muitos deles já foram chamados, mas as suas possibilidades foram avaliadas durante um único treino e até em lugares muito diferentes daqueles que ocupam na equipa do seu clube. Desta maneira, como se pode ajuizar? Não só em Lisboa e Porto há rapazes com mérito. Portugal não está circunscrito a estas duas cidades ou a certos clubes, é bom não esquecer.

— Pode indicar nomes? — perguntámos depois.

— Para já, o meu camarada António Caiado, Cesário, do Sporting de Braga e, também, Araújo, do Futebol Clube do Porto, mas a avançado-centro. Araújo bem treinado, pode desempenhar excelentemente o lugar deixado por Peyroteo. Esta a minha firme opinião. Pelo que me toca directamente, confio em queerei seleccionado. Estou a recuperar a forma, depois da lesão que sofri, e sinto-me em condições de cumprir o que de mim exigirem.

— Outras impressões?

— Do futebol praticado pelos estrangeiros, o argentino encantou-me pela beleza que nos oferece como espectáculo maravilhoso que

delicia os olhos, mas o inglês impressiona-me muito mais, como espectáculo de competição, pelo desenho das jogadas e pormenores de execução, integrados no rendimento da equipa. Alguns nomes: Finney, Manion, Mortensen, Mathews... Entre nós, um Araújo, um Fernando Caiado, um Vasques, este para mim o melhor jogador português, um Travassos, e outros se fossem cem por cento profissionais não ficariam aquém dos que lhe citei.

Quanto a forma de jogar... — preferia a antiga, — ripostas de chofre. Os jogadores tinham mais probabilidades de se revelar. As qualidades podiam ser evidenciadas e cada um dar largas ao temperamento. O jogo dá alegria e esta só pode ser completa quando se faz com a bola aquilo que nos dá prazer e não ao que somos obrigados. Com a adopção do sistema em vigor, muitos rapazes jeitosos, perdem-se para a prática desta aliciante modalidade, porquanto numa equipa não podem abundar os malabaristas e fantasistas, urgindo a presença de outros com óptima compleição física, para se estabelecer o equilíbrio básico. Todavia, reconheço que o sistema tem vantagens e que a sua execução tem contribuído para o bom nível de futebol praticado por algumas equipas nacionais.

— Vou fazer-lhe a última pergunta, Serafim. Que me diz do Boavista?

— A equipa é boa, embora não tenha ainda o conjunto afinado. O facto reside na entrada de novos elementos, prometedores todos eles, que não estão afeitos às características dos companheiros. Com a sucessão dos jogos, a afinação virá. Eduardo Augusto, antigo internacional do Vitória de Setúbal é um treinador competente. A pecha de não marcarmos golos deve-se ao receio que os três novos avançados têm de rematar à baliza, endossando sistematicamente o esférico para o Caiado para que este atire, o que torna fácil a sua anulação por parte do adversário. Estes defeitos serão remediados.

A concluir: — O Boavista não baixará de Divisão e colocará-se a em posição que o livre de preocupações.

Com um abraço, agradecemos a amabilidade do valoroso atleta do clube do Bessa, a quem nos ligam fortes laços de amizade.

PITTA CASTELEJO

MEDALHAS

Emblemas e prémios d'arte para todos os desportos

HELDER CUNHA

Fabricante

R. Correiois, 140-4.º — Tel. 21224

LISBOA

A SAIR BREVEMENTE Um novo Livro sobre "Ténis de Mesa"

As Regras oficiais, Técnica e Tática, Jogo de pares, uma lição de ginástica para a modalidade, etc., etc.

Preço 5\$00

Edição da:

CASA DESPORTO

Rua da Madalena, 196

II DIVISÃO

Já há clubes coroados campeões!

PRIMEIRO que tudo vamos penitenciar dum erro. Iludidos por uma gralha tipográfica no regulamento da II Divisão que possuímos, bumentamos a exclusão do União de Montemor, da 1.ª fase do Nacional da II Divisão. O clube de Montemor está fixo no torneio. É como uma rocha. Que nos perdoem os firmes adeptos de Montemor.

«E depois deste preâmbulo vejamos os jogos do dia. Em primeiro lugar saudemos os clubes que já são campeões. Registemos os seus nomes: Vila Real, Tirsense, União da Guarda, Académico de Viseu, Covilhãense, Ginásio de Alesoaça, Ferroviários, Operário, Montijo, Lusitano de Évora, «O Elvas», e o Desportivo de Beja.

Operário é uma verdade!

Arroios 1 — Casa Pia 0.
F. Benfica 5 — Palmense 6.
Alhandra 0 — Operário 2.

E o indiscutível campeão de Lisboa passou galhardamente o perigoso obstáculo de Alhandra. Isto é consolador, pois prova que Lisboa pode oferecer interessante luta em despique com os clubes de Setúbal e de Santarém. O arruamento do populoso bairro da Graça soube vencer todas as dificuldades e ganhar, brilhantemente o torneio. Temos equipas!

Louvemos também o Arroios, que cheio de moral e de fé tem vindo a derribar todos os obstáculos. O Casa Pia, clube de tradições e com um lugar na prova, não resistiu e cedeu. E aí temos o Arroios no Campeonato Nacional. A equipa merece o prémio. E o seu incansável orientador também tem todo o direito a ser envolvido neste aplauso.

O F. Benfica ganhou nitidamente ao amimoso Palmense. No domingo, em Alhandra, o clube decidirá se pode ou não entrar no Nacional da II Divisão. Eis um jogo de nervos em perspectiva.

«Cá em casa mando eu» — é o lema do Montijo.

Montijo 1 — Barreirense 0.
Cova da Piedade 0 — Ginásio do Sul 2.
C. U. F. 1 — Luso 0.
Almada 5 — Seixal 2.

No Montijo deve ter-se disputado o mais belo jogo até agora travado no torneio de Setúbal. As duas equipas primaram em apresentar um futebol puro. E assim o jogo é belo, e sabe bem vê-lo, quando os jogadores põem todos os seus recursos em acção e esvoaçam as maldades e os truques. Venceu o melhor, o que se candidatou ao título, e que não quis deixar os seus créditos por mãos alheias. Antes assim. Enquanto ganhar o melhor, tudo vai bem. Que a toada não se perca!

O Ginásio do Sul conseguiu a grande proeza da ronda: foi à Cova da Piedade sua posição periclitante. Animo! A C. U. F., num jogo emocionante, ganhou bem. A equipa precisava de vencer e encarou o encontro com os necessários cuidados. E a nítida vitória da ligada equipa de Almada, não merece contestação. O grupo lá segue.

VILA REAL

Vila Real 12 — Bragança 2.
Régua 7 — Operário 0.
Mirandela 4 — Chaves 3.

O campeão certo e invicto alcançou mais uma concludente vitória. A equipa está embalada e não fraqueja no caminho que traçou. É um grupo com que se pode contar e que está disposto a fazer figura. O tempo o dirá. O Régua também conseguiu uma vitória vultuosa, o que atesta a sua excelente condição. E o «sub-leader» escorregou em Mirandela depois de luta acesa e equilibrada.

BRAGA

Sp. Fafe 4 — Gil Vicente 1.
Famalicão 1 — Vianense 0.
Monção 5 — F. C. Fafe 1.

Sporting de Fafe que segue confiante na sua senda, ganhou mais uma vez não deixando lugar a dúvidas, quanto à sua capacidade.

O Famalicão derrotou pela conta mi-

nima um perigoso e difícil adversário que vende sempre cara a derrota. E o Monção esmagou o F. C. Fafe, um clube que está a vogar em águas tormentosas.

PORTO

Tirsense 2 — Académico 0.
Salgueiros 1 — Leixões 1.
Leça 3 — Aves 1.

O grupo de amadores do Académico não pôde, como era humano e natural, evitar a queda perante o campeão. O que não admirará ninguém!

O Salgueiros travou com o Leixões uma luta acesa e que fez vibrar. São duas equipas que nunca voltam a cara e que sabem bater-se. O Leça-Aves teve um desfecho normal!

AVEIRO

Oliveirense 6 — Beira Mar 1.
Espinho 2 — Ovarense 1.
União de Lamas 0 — Sp. Joanense 2.

Surprende logo de entrada a marca vultuosa que o Oliveirense conseguiu perante o Beira Mar, um clube que nos habituou a outras exibições. Mas uma escorregadela, qualquer sofre. O Espinho venceu com brilho um steams cheio de aspirações, e imperturbável preparouse para outras nundanças. Em casa, o Lamas não evitou a derrota, o que não surpreende por si além.

PORTALEGRE

Estrela 1 — Elvas 4.
Elétrico 1 — Portalegre 4.
Alter 1 — Campomaiorense 1.

Mais uma vitória do Elvas. Esta por 4-1. Note-se que os altejanos não alhinharam com o seu mortífero ariete, o internacional Patalino. E conhecemos bem o poder de Patalino como rematador.

O Portalegrense também venceu com nitidez fora de casa e mostra bem que a equipa ainda existe. E felizmente que não tem as asas cortadas.

ÉVORA

Juventude 0 — União 0.
Estrela 3 — S. L. Évora 1.
Lusitano 7 — Ateneu 0.

E seja qual for o resultado do jogo de domingo entre o Montemor e o Lusitano, o vencedor já está achado.

Ganharam o torneio os eborenses que levaram como companhia o União de Montemor, uma equipa que já conhece o Campeonato.

Os resultados dos jogos de domingo são normalíssimos, e não causam surpresa.

FARO

Esperança 2 — Farense 2.
S. L. de Faro 0 — Silves 2.
Lusitano 4 — Portimonense 0.

O Lusitano «vingou-se» e ganhou nitidamente. A equipa precisava desta injeção moralizadora. Veremos os seus efeitos. O Farense escorregou em Portimão no campo do Bon. Esperança, e o Silves fora de casa, venceu muito bem.

CASTELO BRANCO

Covilhãense 2 — Castelo Branco 1.

VIZEU

Tondela 1 — Lusitano 4.
Lamego 1 — S. L. Viseu 0.
Académico 6 — Mangualde 0.

COIMBRA

Lousanense 0 — Marialvas 2.
União 7 — Lusitânia 0.
Anadia 5 — Naval 1.

LEIRIA

Caldas 0 — Torreense 3.
Ginásio 8 — S. L. Marinha 0.
Bombarralense 0 — Marrazes 1.
Marinhense 0 — Peniche 2.

SANTARÉM

«Leões» 2 — Ferroviários 3.
Torres Novas 6 — Alcanenense 1.
Rossiense 0 — Benavente 2.

BEJA

Aljustrelense 1 — Desportivo 1.
Desperta 5 — Atlético de Moura 2.

E perante todos os resultados só podemos dizer isto: O Nacional da II Divisão promete! Que as nossas esperanças não sejam iludidas!

AMADEU J. DE FREITAS



BOAVISTA

REAGE E BATE O
ESTORIL por 2:0



Sebastião falhou a defesa, mas o poste também joga e salva a situação



Um ataque impetuoso do Boavista é desfeito na altura própria por Sebastião

★
Duarte, avançado-centro do Boavista, tenta o golo, de cabeça. Alberto opõe-se com êxito

GONZAGA RIBEIRO

do ESTORIL PRAIA

ABRE-SE CONOSCO CONTANDO A SUA VIDA DE JOGADOR DE FUTEBOL



CHAMA-SE João Gonzaga Ribeiro, tem 25 anos, 1 metro e 79 de altura, esgigado, desenvolvido, joga a extremo-direito na equipa de honra do Estoril-Praia, e é uma das mais raiosas esperanças do nosso futebol.

Há seis anos que Gonzaga pratica o futebol. Na sua curta carreira só conheceu a camisola amarela do Estoril. Os primeiros pontapés foram dados, sob a orientação de Sbarra (um treinador que muito admira) numa equipa de juniores do clube.

Quando Bravo deixou o Estoril para ir até Espanha, Gonzaga ocupou em alguns jogos o seu lugar. Depois, Lourenço, deixou o futebol temporariamente, e Gonzaga foi escolhido para ocupar o seu lugar. Com inteiro agrado. Neste começo de época, tem-se cotado com excelentes exhibições, sendo actualmente um dos melhores e mais regulares elementos da sua formação.

«Stadium» que tem a preocupação de estimular e amparar os jovens que começam, achou oportuno ouvir as suas declarações.

Deslocamo-nos até ao Estoril, assistimos a um treino do clube, e no fim ouvimos Gonzaga.

— Qual o seu lugar favorito?
— Não é o de extremo. Sabe, temos pouco terreno para manobrar, e se perdemos a bola poucas possibilidades temos de a recuperar. Interior ou médio de ataque, principalmente esta, é a minha posição favorita. Vemos o terreno de frente, podemos trabalhar a bola à vontade, e não há a preocupação de sair com ela pela linha lateral...
— Mas v. tem-se adaptado bem...
— Razoavelmente... Mas ao princípio cheguei a desanimar, e pensei que nunca mais me adaptaria ao lugar... Agora... até me parece fácil...
— Então, qual a sua jogada favorita?
— Vir atrás buscar a bola,

dominá-la bem, correr com ela em troca de passes com o interior, e fazer o centro para o colega mais bem colocado...

— É o remate — inquirimos.
— Sabe? O meu treinador, José Mota, já disse que sofro dum complexo de inferioridade. Não sei o que é, defronte da baliza, intimido-me e não sou capaz de rematar.

Lourenço que estava perto disse:

— Não penses na responsabilidade. Deves pensar que os jogos se ganham com golos. Chega defronte da baliza e remata.

Aproveitamos a deixa, e perguntamos a Gonzaga:

— Como encara a volta de Lourenço?

— Com alegria! Não pense que estou a querer tomar uma atitude simpática. Sou sincero.

O Estoril precisa de Lourenço, um dos melhores extremos do nosso futebol. Ele já está em boas condições, e há-de voltar a ser o mesmo.

— E a sua posição na equipa?

— Não interessa. Quando há um melhor, temos que esperar a nossa oportunidade. Limitel-me a substituir Lourenço, e isso já foi uma grande

(Continua na página 7)



Grupo do Cascalheira

CLICHÉS
feitos com películas e chapas
LUMIÈRE

GRUPOS DE JUNIORES QUE DISPUTAM O CAMPEONATO DE LISBOA

Fotos ROLAND OLIVEIRA



Grupo do Benfica



Grupo do Sporting



Grupo do Arroios

SERAFIM

do BOAVISTA

opina que ARAÚJO

poderá ser o avançado-centro da Selecção Nacional



VAMOS contar hoje as impressões que nos confiou um jogador de prestígio e que alinha num clube da segunda cidade do país, ao qual dedica o maior entusiasmo e devoção há nove anos. Fiel ao seu credo, respondeu com formal negativa às tentadoras propostas que lhe têm sido feitas para mudar de camisola. Entre outras agremiações que pretenderam a sua útil e valiosa colaboração, citaremos o Benfica, Atlético e Sporting, para que se aquilate, com justiça, do mérito deste excelente jogador, — um belo carácter, sem dúvida.

Serafim Pereira Baptista, um jovem de 25 anos que representa com orgulho o Boavista Futebol Clube e já vestiu por quatro vezes a camisola das «quinas» de frente do grupo representativo da Espanha B, Espanha A, Inglaterra e Escócia, acedeu com a maior prontidão ao nosso pedido, transmitindo-nos curiosas ideias sobre o futebol, a revelar de forma nítida que sabe apreciar e possui juízo crítico.

O homem que iniciou a sua carreira no Vilanovense e ocupa hoje na equipa o lugar de médio-esquerdo de ataque, jogou também a interior-direito porque se serve de ambos os pés com a mesma certeza e potência de remate. Prefere, no entanto, o posto que lhe conferiu as honras de «internacional».

Abordado sobre o profissionalismo, disse-nos:

— Embora seja empregado de escritório e tenha o meu lugar numa conceituada empresa portuense, não me importaria de ingressar no futebol profissional, se o seu regulamento me satisfizesse. Primeiro do que tudo é necessário cuidar do futuro, uma vez que a mocidade não dura sempre e a prática do futebol está vedada aos que começam a sentir

a diminuição de recursos físicos, o que não sucede nas outras profissões, que podem ser exercidas a contento, até idades avançadas. Com um estatuto que oferecesse todas as garantias, não teria a menor dúvida de ser profissional.

Depois:
— Não creio que um dia próximo ou distante tal seja possível no nosso país. Não nos falta matéria prima, mas as condições dos nossos principais clubes, são alarmantes. Não há dinheiro. O futebol dá receitas elevadíssimas é certo, mas as despesas e os encargos que vigoram dão saldos pequeníssimos que não chegam para cobrir as enormes despesas de deslocação. Assim, como se poderá ter futebol retintamente profissional? Há jogadores capazes de atingir craveira semelhante à dos mais famosos estrangeiros se a sua única preocupação fosse jogar a bola. Temos caminhado em frente e o nosso futebol é de boa qualidade. Falta-nos, no entanto, o fundo de uma preparação conscienciosa e metódica que só o tempo pode conseguir. E a propósito, não quero deixar de acentuar, que a prática do desporto começa tardíssimo, em obediência à lei que estipula a idade mínima. Os miúdos precisam de ser estimulados, dando-lhes facilidades para se entregarem à paixão favorita. Vejamos o que se passa com os garotos de 10 anos que compõem a equipa de basquete do Vasco da Gama, do Porto. São uns portentos. Dá gosto vê-los jogar. Tomaram muitos «ases» exibir-se como eles.

(Continua na página 3)



Serafim conversa animadamente com o nosso companheiro de trabalho, Pita Castelejo

O EMPATE DE BRAGA



As equipas do Porto e de Braga alinhadas no Estádio 28 de Maio antes de começar a partida



O presidente da Camara Municipal de Braga entrega ao sr. Urgel Orta um objecto de arte, homenagem da cidade de Braga ao F. C. do Porto



Os desportistas do Minho prestam a sua homenagem ao internacional Aroujo



Mário recebe a bola de Eloi e marca o gol de Braga de forma imparável



Vital consegue o gol de empate do Porto



1 Uma defesa oportuna de Barrigana, que tira a bola do domínio do centro-avanzado de Braga

2 Mário e Alfredo em luta animada

3 O sr. engenheiro José Frederico Ulrich, ministro das Obras Públicas, consulta o projecto do Futebol Clube do Porto que está a ser construído, no próprio terreno

ARMAS E MUNIÇÕES
A. MONTEZ
P. D. JOÃO DA CAMARA, 3
Telf. 25731 — LISBOA

SERA CAMPEÃO DA BOLA
TOMANDO "VITACOLA"

O JÚNIOR CARAÇA

pretende tirar um CURSO e aperfeiçoar-se como jogador!

(Continuação da pág. 13)

— Sim. Na época de 1949-50 fui inscrito na categoria de «juniões», e tomei parte nas três provas oficiais disputadas pelo meu clube: Torneio de Preparação, da A. F. Évora; Campeonato Regional e Campeonato Nacional.

— Sempre a avançado-centro?

— Sempre. É esse o lugar que prefiro, pois gosto de meter golos, e no centro do ataque há mais possibilidades para isso.

— Quantos marcou até hoje?

— Não é possível responder-lhe visto que nunca me dei ao trabalho de os contar. Sei, apenas, que fui o melhor marcador de tentos em todo o distrito de Évora, na época passada.

— Gostaria de ter ido mais além do que foi, no Campeonato Nacional?

— Claro que sim. E apesar de ser benfiquista, devo dizer-lhe que fiquei muito arreliado comigo mesmo, por não ter conseguido marcar um golo, só que fosse, nas partidas em que o Juventude defrontou o Benfica. A culpa, contudo, não foi toda minha, pois a defesa «encarnada» era dumha solidez a toda a prova, e eu não conseguí transpô-la.

— Que diz à sua actual situação?

— Que tenho um grande prazer em haver transitado para o Benfica. A vibração que punha na defesa da camisola do Juventude, o clube da minha terra, é a mesma que vou pôr na intransigente defesa do maior clube português — o clube da minha simpatia. Imitando um atleta mais velho do que eu, posso dizer que sou de Évora... e do Benfica.

— Não foi tentado por outros clubes?

— Fui, sim, senhor! A Cuf do Barreiro, o Vitória de Setúbal e o Lusitano de Évora, pretenderam a minha transferência. Eu, porém, decidi-me por aqui... e cá estou, para servir o melhor que souber e puder.

Do passado do novel avançado-centro da equipa de juniões do Benfica sabemos já quanto nos parecia bastante. Era lógico que o interrogássemos quanto ao futuro.

E Caraça não se fez rogado, para nos ilucidar:

— Socialmente, quero ser um homem, e para isso, vou estudar afinadamente, afim de conseguir um curso. Em Évora, nunca me foi possível dar satisfação a esse desejo, pois era obrigado a ajudar meu pai no seu estabelecimento. Em Lisboa, porém, creio que me será possível alcançar o meu intento.

E continuando:

— Desportivamente, pro-

JACK LEE

o novo dianteiro centro do grupo dos «Mestres»

No seu recente encontro internacional, primeiro que jogava depois da sua derrota ante a Espanha no Rio de Janeiro, a Inglaterra alinhou contra a Irlanda do Norte um novo dianteiro centro. Trata-se de Jack Lee, do Derby County, que figura até agora à cabeça dos marcadores da I Divisão da Liga; Na sua «première» Lee teve uma boa actuação, sem ser extraordinária, marcando um dos quatro golos ingleses.

Jack Lee foi adquirido esta temporada pelo Derby County ao Leicester City por 18.000 libras esterlinas. Ao Leicester chegou Lee precedente do Quorn Methodist em Fevereiro de 1941. Durante a guerra serviu na R. A. F. num posto da Índia, local onde se distinguiu como formidável «chutador».

Ingressou na equipa de honra no dia 6 de Outubro de 1946, jogando no desafio da Liga contra o Luton, vencendo o Leicester por 2-1 golos marcados precisamente por Lee.

Na temporada seguinte (1947-48) teve uma grande actuação falando-se já nele naquela altura como possível internacional. Uma lesão desvaneceu as suas esperanças. Na temporada de 1948-49 alcançou novos êxitos, jogando a final da «Taça» pelo Leicester contra o Wolverhampton, final que este último ganhou.

Lee, que é também um excelente jogador de cricket, conta 29 anos, está casado e tem um filho de cinco meses.

curarei aperfeiçoar-me, seguindo à risca os conselhos que me forem dados pelos competentes treinadores do Benfica, de forma a que nunca possam sentir-se desiludidos aqueles que me proporcionaram esta alegria de representar o primeiro clube de Portugal.

— Só isso?

— Sim! Creio que é quanto basta. E olhe que preciso de trabalhar bastante — o que de resto não me amedronta, pois sem trabalho nada se alcança.

— Não pensa, então, no máximo galardão a que aspira todo o desportista?

— Caraça compreendeu.

— E cedo, muito cedo, mesmo, para alimentar ambições dessa ordem. Tendo 18 anos, apenas. Por agora, é como lhe disse. Quanto ao resto... veremos.

E com estas palavras, encerrou o nosso interlocutor a entrevista.

ROSA DE MATOS

APONTAMENTOS TÉCNICOS

VI—O jogo dos avançados

Os quinze homens que formam a equipa, organizam-se em quatro linhas: oito avançados, dois médios, quatro três- Quartos e o defesa.

O papel dos avançados é, essencialmente, servir as outras linhas, facilitando-lhes o ataque. Dispõem de iniciativa, mas acessoriamente; competem-lhes o pesado trabalho da formação, bloco sólido e de composição fixa cuja eficiência depende do equilíbrio das forças e da coesão dos esforços.

A ligação entre os avançados e os três- Quartos, é feita pelos médios, dos quais um, o de formação, tem por tarefa principal colaborar com os avançados e colher a bola à saída das formações para a entregar rapidamente ao outro médio, — chamado de abertura, porque é sua função abrir e orientar o jogo, lançando os três- Quartos ao assalto, no melhor das circunstâncias do momento.

A linha de três- Quartos representa a verdadeira força ofensiva da equipa; os seus componentes serão homens rápidos e ágeis, decididos e destros. Sua obrigação primeira consiste em correr no sentido da baliza, para entregar a bola ao companheiro antes de agarrado pelo adversário. Finalmente, o defesa, cujas atribuições são, como o nome indica, sobretudo defensivas, deve possuir, a par das qualidades de segurança, decisão e valentia, bom pontapé e espírito de iniciativa, a fim de tirar das eventualidades todo o partido em favor dos interesses do seu grupo.

Vamos estudar, sucessivamente, a missão destes quatro escalões da equipa de rugby, começando pelo dos avançados, os mais activos do grupo, a chave-mestra da acção comum.

Constantemente na brecha, intervindo nas mais diversas circunstâncias de jogo, exigem-se-lhes força, agilidade, corrida rápida e pontapé certo e tão diversos predicados que só um atleta completo lhes pode satisfazer.

A missão dos avançados resume-se em quatro princípios fundamentais:

1.º — Deliciar-se sempre a posse da bola, dominando o esforço antagónico dos directos adversários;

2.º — Preparar o trabalho dos jogadores das linhas de ataque, passando-lhes correctamente a bola de que se assegnorem;

3.º — Cooperar nos ataques que preparam;

4.º — Ajudar as linhas da retaguarda, auxiliando à defesa.

Tudo isto se sintetiza ainda mais dizendo que o bom avançado deve estar em toda a

parte onde a bola se encontre e sempre pronto a manejá-la. Assim se demonstra como é extenuante e ingrata a tarefa dos avançados e por dedução elementar, quanto deve ser cuidada a sua preparação física.

Formação: A arte de saber organizar a formação segundo as regras clássicas é factor essencial de bons resultados. Quando se despreza, dá origem a constantes interrupções, jogadas confusas e demoradas, espectáculo desolador para quem saiba que o rugby é essencialmente dinâmico.

Para assentar ideias, recordamos que a formação é constituída por oito homens, distribuídos em três linhas: três na linha da frente, a que entra em contacto directo com o bloco adversário, e dos quais o do meio se chama talonador (galicismo-consagrado) e pilares os companheiros dos lados; dois na segunda linha e de novo três na última da retaguarda.

Os pilares, normalmente os dois avançados mais poderosos, devem segurar bem o talonador, serem equilibrados em peso e estatura e mais altos do que aquele.

Os dois homens da segunda linha são o estelo do equilíbrio da formação, devendo ter muito aproximadamente a mesma estatura e peso, a mesma resistência e poder.

Encaixar a cabeça entre as ancas dos homens da primeira linha, cada um de seu lado do talonador, abraçando com o braço exterior a cintura do pilar e entrecruzando os braços interiores por sobre os dorsos respectivos, de maneira a manterem-se unidos e em posição paralela; competem-lhes principalmente dar estabilidade à formação e manter o bloco unido e sólido.

O jogador centro da terceira linha coloca-se com a cabeça entre os corpos dos dois componentes da segunda linha, cujas ancas abraça e conserva firmemente cingidas. Os dois restantes, cada um de seu lado, empurram com o ombro do lado interior apoiado sobre a anca externa do segunda linha correspondente, ao qual se amparam com o braço, ficando livre o exterior.

A pressão da terceira linha deve ser constante e vigorosa, apoiando o esforço dos restantes avançados. Até à saída da bola de dentro da formação e desde o sinal de entrada, dado pelo médio, o dever único dos oito avançados é empurrar com toda a sua força.

(continua)

SALAZAR CARREIRA

A derrota do Sintra foi a primeira surpresa do Nacional

O Colégio Militar ganhou o campeonato da II Divisão da A. P. Sul

As primeiras partidas do duodécimo campeonato nacional de hóquei em patins, disputadas nos dias 17, 20 e 24 de Outubro (findo em Lisboa, (Pavilhão dos Desportos) e no Porto (Palácio de Cristal)), forneceram os resultados seguintes:

Paço de Arcos-Benfica	5-1
Académico-Académico de Espinho	5-2
Benfica-Hóquei de Sintra	5-0
Infante de Sagres-Acad. de Espinho	3-0
H. C. Sintra-Paço de Arcos	4-1
Infante-Académico	3-0

Resalta logo à vista um resultado... fora do vulgar: a derrota dos campeões diante dos benfiquistas! Isto significa, afinal, que não há eventuais antecipados, pese embora os afieiros dos mais ferrenhos das melhores equipas. Mas como o torneio ainda agora principiou, pode dizer-se que a prova ainda está para ver, dado que o desejo dos sintrenses é remediá-lo — desde que saibam tornar as dificuldades futuras. No entanto, sempre em derrota, e nas condições da disputa do campeonato o mal pode estar no começo...

Impossibilitados (por carência absoluta de espaço e pelas circunstâncias especiais da publicação) de relatar os jogos, como convinha, limitamos a nossa acção a focar, em pormenor, os passos principais dos seis desafios mencionados — dando a cada um deles importância igual.

Temos, pois, em síntese:
Paço de Arcos-Benfica — Na primeira parte, o Paço de Arcos dominou e fez quatro golos sem resposta, todos por intermédio de Correia dos Santos. O Benfica não pôde suportar o andamento vivíssimo do adversário e deixou-se bater em lances decisivos. O período seguinte foi de mais calma, com os antigos campeões a deixar campo aberto ao Benfica, que desse modo tornou a luta menos desnevelada. Marcou-se um golo para cada lado: Jesus Correia (Paço de Arcos) e Cruzeiro (Benfica). Árbitro: Arthur Dyson. Equipas: Paço de Arcos — Emídio, Henrique, Gomes, Jesus Correia, Correia dos Santos e Ramos; Benfica — Antunes, Lopes, Cruzeiro, Lisboa, Perdigão e Rogério. Em reservas: Benfica, 4 — Paço de Arcos, 2 (1.ª parte: 2-1).

Académico-Académico de Espinho — Ao intervalo: 3-1. Golos de Fernandes e André (2) pelo Académico; e Carvalhas. No segundo tempo, ambas as equipas abrandaram, tendo o Académico obtido mais dois golos (Ribeiro) e Espinho um (Carvalhas). Os tentos dos ex-campeões do norte foram alcançados em transformações de penalidades. Alinharam: Ferreira, Brito, Fernandes, Ribeiro, André e Quintela — pelo Académico; Rezende, Morais, Alves, Carvalhas, Gonçalves e Cleandro — pela Académica. Arbitrou António Rosas. A Académica de Espinho ganhou por 3-1 em reservas.

Benfica-Hóquei de Sintra — O Benfica realizou uma excelente exibição, principalmente depois do intervalo, período em que marcou quatro golos. Quase no final do primeiro tempo, Perdigão, em remate de surpresa, fez 1-0. Na segunda parte, Cruzeiro (3) e Lisboa concretizaram a vitória do Benfica, magnífica em todos os aspectos. O Sintra, batido por 5-0 aos 4 minutos, «perdeu-se» por completo e capitulou sem remissão. Os grupos: Benfica — Antunes, Lopes, Cruzeiro, Lisboa, Perdigão e Rogério; H. C. Sintra — Cipriano, Raio, Edgar, Pires, Velez e Martinho. Arbitrou Domingos Silva. Em reservas: Benfica, 6 — Sintra, 1.

Infante de Sagres-Académica de Espinho — Desafio de tríplice vitória. Houve muitos castigos e salgo máis. Ao intervalo: 2-0. Golos de Ildebrando e Soares. Na segunda parte, Polónia fez terceiro tento, transformando uma grande penalidade. Arbitragem de Alberto Couto.

Alinharam: G. Costa, A. Figueiredo, Soares, Polónia, Ildebrando e Carlos (Infante de Sagres); Gato, Morais, Alves, Gonçalves, Carvalhas e Cleandro (Espinho). Em reservas: Infante de Sagres, 5 — Académica de Espinho, 3. **Hóquei de Sintra-Paço de Arcos** — Os campeões, usando de tática mais adequada às circunstâncias, pois todas as cunelias eram poucas, triunfaram com inteiro merecimento. Um golo de entrada (Raio) e outro pouco depois (Edgar) deram sossego à equipa; Correia dos Santos, ainda antes do intervalo, minou a diferença para 1-2. Na segunda parte, porém, o Sintra 'foi ele próprio com dois tentos sem resposta (ambos de Velez) e o Paço de Arcos rendeu-se à evidência do acontecimento. Alinharam: Cipriano, Raio, Edgar, Pires, Velez e Fernando (Sintra); Emídio, Henriques, Gomes, J. Correia, C. Santos e Ramos (P. Arcos). Árbitro: Manuel Henriques. Reservas: Vitória do Paço de Arcos por 7-5.

Infante de Sagres-Académico — Três golos sem resposta (um na primeira parte) deram segundo triunfo aos campeões do norte. O marcador foi o feso: Luis Polónia. Dois dos tentos, 1.º e 3.º, resultaram da transformação de grandes penalidades. Árbitro Sá Couto e alinharam: Infante-Morais, Figueiredo, Soares, Polónia, Ildebrando e Carlos; Académico — Ferreira, Brito, Fernandes, Ribeiro, André e Cardoso. Em reservas o Infante ganhou também: 5-1.

Com os desafios citados terminou a fase preliminar da prova (entre equipas da mesma região) tendo sido a seguinte disputada no Porto (Palácio de Cristal), já com todos os grupos à compita. A estes jogos, com os quais fecha a primeira volta, nos referiremos no próximo número.

No torneio da taça «H. C. Sintra», o Benfica é primeiro, com 4 pontos e 10-3, seguido do Paço de Arcos (2 pontos e 9-0) e do Sintra (0 pontos e 6-13). A prova de reservas disputada no Porto, para a taça «Infante de Sagres», 4 pontos e 10-4; Académica de Espinho, 2 pontos e 6-6; Académico, 0 pontos e 2-8. Em qualquer das competições ficou concluída a primeira volta.

Effectuou-se no dia 21/10, no Pavilhão dos Desportos, o desafio-desempate entre o Colégio Militar e a Cuf do Barreiro, para o campeonato do sul II Divisão. Ganhou o Colégio Militar por 5-1 (1.ª parte: 2-1). Alinharam e marcaram: Mesquita, Costa (1), Faria (1), Soares (1) e Sales (2) — pelo Colégio Militar; Gilberto, Ferreira, Ramiro, Saraiva, Almeida (1) e Aires — pela Cuf. Arbitrou: Ramos Silva.

Avala Boto, companheiro muito querido das lides jornalísticas e inspetor da D. G. B. para a modalidade, referiu-se, num dos últimos secos desportivos, que habitualmente prefere aos microfones da Emissora Nacional, aos cronistas do hóquei em patins. E não esqueceu, nos seus judiciosos comentários, o nosso camarada Jorge Monteiro — que é o decaão dos críticos da especialidade — gentileza que registamos com agrado. Cumpre-nos agradecer ao bom amigo as suas palavras, aproveitando a oportunidade para afirmar, mais uma vez, que o hóquei e a patinagem podem contar incondicionalmente com a simpatia da «Stadium», hoje e amanhã, como ontem e sempre.



O hóquei em patins está a desenvolver-se em terras algarvias graças ao esforço e actividade de alguns clubes entre os quais se destacam o Sport Lisboa e Faro e o Portimonense Sporting Club que a nossa fotografia apresenta, em boa camaradagem, depois de um animado encontro em que a jovem equipa de Portimão venceu por 7-2.

UM JOGADOR QUE SE AFIRMA

O extremo-direito do Estoril

quere fazer figura no futebol português

(Continuação da página 4)

alegria para mim. Estou sinceramente satisfeito por ele voltar. Tive, como se costuma dizer de «passar a pasta». Mas não fico deprimido por isso. Continuarei a trabalhar com o mesmo entusiasmo. E jogar nas «reservas», também é jogar...

Concordamos com Gonzaga, e proseguiamos:
 — A sua melhor recordação...

— O jogo contra o «Elvas» na época passada. Estávamos a perder por 3-1 e fomos ganhar por 4-3. Estávamos cheios de vontade, precisávamos de ganhar e ganhamos mesmo...

— E a carreira da equipa na competição em curso?

— Temos tido azar. Com uma pequena aragem da sorte, estaríamos em muito melhor posição. Isto agora vai carrilar. Tenho a certeza que o quarto ou quinto lugar, não nos foge.

Mudamos o curso à conversa:

— Quais as suas aspirações?

— Ainda me sinto um pouco cru, pois jogo há pouco tempo na primeira categoria e preciso de mais contacto. O nosso treinador é excelente e em qualquer lugar posso encontrar a minha oportunidade. Primeiro que tudo gostava de me fixar no primeiro «team», tarefa que reconheço difícil, mas para a qual me vou lançar cheio de entusiasmo. Depois então...

— O quê?

— Claro. É isso o que está a pensar, tudo aquilo com que todos os jogadores sonham: ser internacional...

— Quais os jogadores que mais admira?

— No Estoril, todos, da reserva e da primeira categoria. No entanto deixe-me salientar Alberto, um «capitão» de equipa completo, e Lourenço por quem nutro grande admiração. Nos outros clubes, Azevedo, Bentes e Travassos.

— E no seu lugar?
 — Há dois extremos que

tomo como modelo: Mourão, um jogador fino, inteligente, consciencioso e Lourenço, rápido, rematador incisivo. Gostava de atingir a classe de qualquer deles.

Nos jogadores jovens fica sempre gravada indelévelmente qualquer boa equipa que tenham observado. Sobre esse ponto interrogámos Gonzaga:

— Acima de todos impressionou-me especialmente o agrupamento do Torino, que apesar de ter perdido me convenceu inteiramente. E, claro, não posso esquecer os argentinos da primeira vez que cá estiveram.

A entrevista estava quase feita.

— Que pensa do profissionalismo?

— Parece-me que actualmente não tinha viabilidade no nosso país, pois a maior parte dos clubes lutam com inúmeras dificuldades. No entanto reconheço que é útilissimo. Bem regulamentado, com o jogador protegido, não teria rebuço em aceitá-lo. Não agora, que já tenho a minha vida organizada. Mas reconheço a sua utilidade: o jogador poderia treinar com assiduidade, e o progresso viria de braço dado. Mas, infelizmente, não vejo no momento possibilidades de o implantar... É pena... Continuando Gonzaga acrescentou:

— Como também acho, que os jogadores deveriam começar de miúdos a mecher na bola. A matéria prima seria muito maior e os jogadores guiados desde princípio, não criariam vícios que depois nunca mais saem...

Não tínhamos o direito de roubar mais tempo ao simpático jogador. Antes de nós despedirmos ainda nos disse:

— Peço que diga, que estou infinitamente reconhecido a Sbarra, o treinador que guiou os meus primeiros passos e que me deu as primeiras luzes.

AMADEU J. DE FREITAS

A película mais rápida é a LUMIÈRE

Altipan ultra-rápida



Uma defesa de Graça, sob a expectativa dos jogadores que o rodeiam



Aguas e Moreira saltam à bola, envolvendo um jogador do Oriental, que nos parece ser Morais

ATLETICO BATE COVILHÃ



António José protido por um dos seus companheiros ezeza uma defesa por alto



Jesus Correia ultrapassa Primo e desenvolve um ataque difícil de dominar



Vasques salta, espectacularmente, deixando passar bola que é antichada nas redes por Pacheco (5.º gol)

BENFICA sobe ao 3.º posto



Aguas revela o seu poder prático, marcando uma das suas bolas



Aguas, sempre na brecha, ataca com vigor e decisão



Arsénio remata e faz um dos seus golos!



Aguas está a ganhar celebridade! Um pequeno adepto do Benfica oferece-lhe um ramo de flores e sente-se feliz...



Fotos PAIXÃO

Armando Carneiro entra a defesa do guarda-redes Covilhã



Baptista corta uma combinação entre Martin e Monyi



Fialho pretende dar o passo de Martinho



Uma das poucas defesas realizadas por Azevedo



Fotos NUNES DE ALMEIDA

Jesus Correia surge em frente das balizas como um relâmpago marca a 1.ª bola da partida



A bola não chega a Pacheco, visto Primo cortar o lance com êxito



Um belo e forte remate de Canário bate no poste, mas a estrada do guarda-redes é esplêndida



Carvalho bloca a bola com segurança

PARA O SEU CARRO, AUTO SANTA MARTA

Perspectivas do 1.º torneio internacional do Estoril

QUANDO este número do «Stadium» sair a público, deve estar a disputar-se, no Estoril, o primeiro Torneio Internacional de Xadrez em Portugal.

Este género de competição, que no estrangeiro é vulgar, especialmente na Holanda e Argentina, é, para nós, novidade. Tivemos já, é certo, os «smatchs» Portugal-Espanha. Mas o Torneio do Estoril é uma prova em époules, de classificação individual, em que nos é dado ver quinze encontros diferentes.

No momento em que escrevemos esta crónica, o elenco convidado para participar no torneio é o seguinte: Artur Pomar e Francisco Perez, espanhóis; João de Moura, Leonel Pias e João Mário Ribeiro, portugueses; e Garcia Torrens, filipino.

A última hora, Rui Nascimento, finalista para o próximo Campeonato Nacional, declinou o convite, por motivo imperioso.

Mesmo assim, o valor do elenco é apreciável. Estarão frente-a-frente quatro jogadores que já foram campeões nacionais.

Artur Pomar, actual campeão de Espanha, «el niño prodigio» de ontem, é hoje um autêntico Mestre, tal como foi recentemente reconhecido pela Federação Internacional de Xadrez.

Pomar, nos jogos em que participou no Portugal-Espanha, defrontou sempre João Mário Ribeiro, que tem pouco mais a sua idade. Existe uma certa rivalidade entre estes dois jovens xadrezistas ilustres. O encontro para nosso encontro é um dos maiores atractivos do torneio.

Francisco Perez ostentava o título de campeão de Espanha quando nos visitou na última vez. É considerado um dos melhores jogadores espanhóis de todos os tempos. Possui autêntica classe. É um jogador de tipo combinativo, bom conhecedor da técnica das aberturas e adversário perigoso em todos os capítulos do jogo.

O outro concorrente estrangeiro é Garcia Torrens, que reside há anos no nosso país, tendo obtido na época passada o título de Mestre da Federação Portuguesa. É um jogador habilidoso e que nos últimos anos tem feito notáveis progressos, valorizando o seu estilo dentro dos princípios do «Jogo de posição».

O trio português possui comprovados recursos para opor réplica condigna à maior experiência dos «ases» espanhóis.

João de Moura, campeão de Portugal há dez anos, foi o vencedor do último Torneio dos Mestres do Sul. É um jogador seguro, bom finalista e temível no jogo de ataque, pois o seu estilo não se presta a fantasias. João Mário Ribeiro, campeão do Norte, pertence à mesma escola. Dizem-nos que está em grande forma.

É dos raros xadrezistas portugueses que se preocupa com o estudo do Xadrez, e um dos mais sérios candidatos ao título de campeão de Portugal. Não nos admiraremos que consiga classificação destacada no torneio do Estoril.

Leonel Pias, ex-campeão nacional, possui um estilo diferente. É um jogador combinativo e brilhante... se o deixarem. Deve estar muito destreinado e, por isso, a sua presença num elenco tão categorizado, é uma incógnita.

Pias tem interesse numa boa actuação, fundamentando assim o parecer daqueles que o desejam ver, no lado dos finalistas dos últimos torneios de «Mestres» do próximo Campeonato de Portugal. (Leonel Pias não pôde concorrer por se encontrar ausente da Metrópole, mas atendendo que o dr. Mário Machado renunciara antes ao título, ao abrigo da regulamentação vigente, Pias podia receber automaticamente o título).

Lamentamos que Francisco Lupi não possa participar no torneio como jogador. No entanto, como organizador do primeiro torneio internacional em Portugal, a sua contribuição não é menos valiosa.

O Xadrez ficará a dever-lhe, assim como à Sociedade Estoril (a qual fez-lho também a organização do 1.º Campeonato Inter-Clubes) mais este importante passo no desenvolvimento da modalidade.

*

O Torneio será disputado diariamente no átrio do Casino Estoril, sendo a ordem dos jogos a seguinte:

1.ª sessão — Pias-Pomar, Perez-Ribeiro e Moura-Torrens; 2.ª sessão — Pomar-Torrens, Ribeiro-Moura e Pias-Perez; 3.ª sessão — Perez-Pomar; Moura-Pias e Torrens-Ribeiro; 4.ª sessão — Pomar-Ribeiro; Pias-Torrens e Perez-Moura; 5.ª e última sessão — Moura-Pomar, Torrens-Perez e Ribeiro-Pias.

VASCO SANTOS

ALMOFADAS para o campo

PASSOU a ser de uso nos espectáculos de futebol, que de entre o público, como manifestação de desgosto pelas decisões do árbitro ou pelo comportamento dos jogadores, sejam lançadas para o campo almofadas, daquelas que são alagadas para amenizar a dureza de assento das tribunas.

O facto, inexplicável se lhe quizermos aprofundar as razões, traz aos clubes em cujos terrenos indesejáveis discólos o põem em aplicação, as mais graves consequências. Há quinze dias apenas o Sporting pagou esse erro com pesada multa e interdição do campo.

É difícil nestas circunstâncias apurar responsabilidades, que são talvez, ao princípio, de um sector mas acabam quase sempre por se generalizar. No entanto, à parte a demonstração pouco edificante de falta de educação que traduz da parte de quem o executa, o lançamento de almofadas — importado provavelmente das arenas de tourada — é um acto sem o mínimo significado, pois nem se quer atinge aquele que é visado, o que não seria nunca uma explicação para lhe dar validade, mas era pelo menos um objectivo.

Se fossemos dirigentes de um clube, proibiríamos pura e simplesmente o aluquer de almofadas ao público; porque é uma pequena receita que pode sair muito cara. Contudo, e para já, é indispensável verberar e punir pessoalmente os autores de semelhantes tropelias, fazendo-lhes compreender — ou sentir, quando não quiserem compreender — a sua lamentável insensatez.

O espectador tem maneira de manifestar o seu desgosto sem incorrer na falta de causador de distúrbios: proteste chamando sem insulto, abafando os culpados em gelido silêncio, mas deixe tranquilos os projecteis ao seu alcance, no caso sentando-se-lhe em cima, para evitar tentações.

O desporto é escola de civismo; sempre, sejam quais forem as eventualidades que lhe perturbem o ritmo desejável. Aqueles, como esses lançadores de almofadas, que lhe perturbam o decoro e desmentem as virtudes, devem ser escoraçoados por indignos de participar numa manifestação desportiva.

Guarde as embalagens LUMIÈRE, porque lhe reservamos concursos e prémios

NA FESTA DO 23.º ANIVERSÁRIO DA A. B. L. RIO SÊCO E ATLÉTICO venceram, respectivamente, Sporting e Benfica

NO passado dia 20, completaram-se vinte e três anos sobre a data da fundação da Associação de Basquetebol de Lisboa.

Vinte e três anos que representam muito trabalho, muito esforço e muita dedicação em prol de uma das mais interessantes e espectaculares modalidades desportivas, daquelas que, sem dúvida, ganharam raízes fundas no movimento desportivo da capital e que conta por muitas centenas o número dos seus dedicados praticantes.

Durante quase um quarto de século, a Associação de Basquetebol de Lisboa — é inegável — tem desenvolvido larga acção no sentido de valorizar — dentro das suas possibilidades, dentro da sua esfera de acção e dos seus recursos — a modalidade que dirige.

Não é fácil nem isenta de espinhos a vida destes organismos. A A. B. L., portanto, não pôde fugir a essa lei geral — lei que se verifica inexoravelmente em todas as entidades dirigentes. Todavia — é de inteira justiça afirmá-lo e sublinhá-lo — os dirigentes do basquetebol lisboeta têm superado com sacrifício inextinguível as dificuldades que a cada passo se levantam.

A data do 23.º aniversário da Associação de Basquetebol de Lisboa merece, pois, ser assinalada com uma palavra de reconhecimento. Reconhecimento pela obra realizada. Uma obra que se traduz, antes de mais, na regularidade de provas e campeonatos. Uma obra que, estamos certos, se há-de afirmar no futuro sempre com mais pujança, mais entusiasmo — e maior brilhantismo.

A data a que acima fazemos referência foi comemorada, como é de tradição, na pretérita semana, com um festival no campo do Ateneu, colectividade que ao basquetebol tem emprestado, em anos sucessivos, belo e valioso contributo, e à qual a A. B. L. está ligada por vínculos inapagáveis.

O programa abriu com um encontro entre os grupos do Sporting e do Rio Seco.

Vitória da equipa do Rio Seco por 25-23, com 14-18, ao fim da primeira parte. Os vencedores aplicaram-se com grande entusiasmo e espírito de luta e, ainda que sem grandes primores de técnica, a verdade é que nunca deram tréguas ao adversário.

Alinharam e marcaram: Rio Seco — Pegado (2), Creolano (1), Rosado (6), Rascácio (6), Vieira (10) e Orlando. Sporting — R. Duarte (2), Chagas, R. Ferreira (6), Lenine (8), Vaz (4), Mendes, Alfredo (1), Rebocho e Campos (2).

PROCEDEU-SE, depois, à cerimónia da distribuição de prémios, missão de que se incumbiu, por convite do pre-

sidente da A. B. L., o sr. Jaime Franco, presidente da Mesa do Congresso da Federação Portuguesa de Basquetebol.

Foram, então, distribuídas as seguintes taças:

Divisão de Honra — 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias — Benfica; Júniores — Belenenses; Conjunto de categorias — Benfica.

I Divisão — 1.ª categoria — Campolide; 2.ª categoria — Operário; 3.ª categoria — Carnide; Conjunto de categorias — Carnide.

II Divisão — 1.ª categoria — Queluz; 2.ª categoria — C. P.; 3.ª categoria — Nacional; Conjunto de categorias — C. P.

III Divisão — 1.ª categoria — Técnico; 2.ª e 3.ª categorias — Oriental; Conjunto de categorias — Oriental.

Taça «A Bola» — Técnico; taça «Mundo Desportivo» — Sporting; taça «Record» — Atlético.

NO encontro que encerrou o programa, disputado entre o Benfica e o Atlético, alinharam e marcaram:

Atlético — Avelino, Ernesto (2), J. Ferreira (18), C. Fernandes, F. Ferreira (10) e Tavares.

Benfica — Costa (5), Leonel (7), Reis Leite (9), Morais (1), Neves, J. João (4), Alfredo (2) e Simões.

Com a margem de 16-6 ao intervalo, os alcantareneses lograram interessante triunfo, por 30-28. Registe-se, no entanto, a magnífica recuperação dos «carnados» nos minutos finais — sem dúvida, o mais belo momento do encontro. Batido por 28-22 a três minutos do fim, o Benfica conseguiu atingir, ainda, 28-28. Coube, porém, a F. Ferreira desfazer a igualdade. E o Atlético triunfou por 30-28. Vitória que pode, até certo ponto, ser considerada como decisiva para a carreira da turma alcantareneses no torneio da taça «José Dias Pereira».

As máximas velocidades alcançadas em vários desportos

ATLETISMO — 36,366 Km. por hora (100 metros em 10 segundos e 1 décimo). La Beach (Panamá), 1950.

AUTOMOBILISMO — 634,261 Km. por hora (1 milha lançada em 9 s. e 325 milésimos). John Cobb (Austrália), 1947.

AVIAÇÃO — 1,079,841 Km. por hora. Comandante Richard L. Johnson (E. U.), 1948.

CICLISMO — 60,402 Km. por hora (500 metros lançados em 29 s. 2/10). Lucien Michard (França), 1932.

HIPISMO — 50,270 Km. por hora (1 quilómetro em 1 m. 11 s. 7/10). Cavalo «Greyhound» (E. U.), 1938. **MOTOCICLISMO** — 279,593 Km. por hora (1 quilómetro em 12 s. 80 milésimos). Ernest Henne (Alemanha), 1937.

NATAÇÃO — 6,623 Km. por hora (500 jardas em 49 s. 7/10). Alan Ford (E. U.), 1945.

PATINAGEM — 45,062 Km. por hora. (500 metros em 41 s. 2/10). Engeströmen (Noruega), 1938.

CANOA AUTOMÓVEL — 228,100 Km. por hora. Malcolm Campbell (Inglaterra), 1939.

BATERAM-SE QUATRO RECORDES

na véspera do encerramento da época

A temporada oficial de natação que, como é tradicional, teve no penúltimo domingo de Outubro o seu «Festival de Encerramentos», apresentou, entre outras características dignas do melhor relevo, a queda de numerosos recordes de várias categorias e distâncias.

As tentativas, com base na distância de 25 metros, foram solicitadas a F. P. N. pelo Estoril-Pratia, tendo o Alguês e Dafundo respondido, também à chamada. Quatro das cinco tentativas foram coroadas de êxito.

Assim, o esperançoso nadador estorilista, Vasco da Silva Ribeiro, estabeleceu novo recorde dos 50 metros-livres, principiantes, com a marca de 32 s.; o anterior pertencia a Vitor Passos Almeida (S. A. D.), com o tempo de 33 s.

O «iniciado» Manuel Fernando de Matos, do Estoril, com 34,1 s., bateu o recorde dos 50 metros-livres, que pertencia a Carinhos, do Nacional, com 35 s.

A equipa de «principiantes» de Sport Alguês e Dafundo composta por Carlos das Neves, João Calisto, Vitor Almeida, Freire Oliveira e Manuel Barbeiro, baixou para 2 m. 48,2 s., o recorde da estafeta de 5x50 metros livres. A anterior, também pertença do S. A. D., estava em 2 m. 54,8 s.

Finalmente, a equipa de principiantes de 3x250 metros, estilos, do Estoril-Pratia, formada por Gomes da Costa, Vasco Ribeiro e M. Figueiredo, baixou para 1 m. 49 s. o respectivo recorde, que estava em 1 m. 50 s.

VINTE provas disputadas, dezassete vitórias do Alguês e Dafundo e três do Estoril Praia, eis o balanço do «Festival de Encerramentos», organizado pela Associação de Natação de Lisboa. Manhã esplendorosa de sol e de luz, farta concorrência de nadadores — principalmente nos «infantis» — provas bem disputadas e alguma «temporada» interessante, podemos ainda acrescentar numa visão de conjunto.

Os 33 metros-livres, infantis, reunindo 35 concorrentes, foram disputados em 4 séries. Vale a pena registar a sucessão dos melhores tempos: Celestino Garcia (21,6 s.); Sérgio Martins (22,2 s.); Fernando Castro (22,6 s.); António (22,7 s.); José Coiteira (22,8 s.) e Maurício Lomelino (23 s.).

Entre os «infantis» citemos, ainda, os nomes de Luis Ferreira da Silva, vencedor dos 33 metros-mariposa (27,6 s.), Maria Piedade Moreira, vencedora dos 33 metros-brugos (40,8 s.) e de Isabel de Castro, que triunfou nos 33 metros-costas, com 39,6 s.

Fernando Trovão venceu os 33 metros-brugos, iniciados, em 25 s., havendo, também, a realçar o excelente percurso do «cavalista» João Cruz (25,2 s.). Nos 33 metros-livres, Manuel Matos (Estoril), creditou-se de bom tempo, 29,7 s. E nos 33 metros-costas, outro estorilista, Fernando Machado, tocou primeiro, com 27,2 s., logo seguido do esperançoso João Cruz (28,2 s.). Um elemento de futuro, este jovem João Cruz, representante do «velhos Naval de Lisboa».

Nos 66 metros-livres, Vitor Passos Almeida (Alguês) e Vasco Ribeiro (Estoril) sustentaram interessante luta, decidida a favor do representante do S. A. D. Marcas respectivas: 44,9 s. e 45,2 s.

Nos 66 metros-costas, triunfo nítido de João Manuel Calisto (52,4 s.), e nos 66 metros-mariposa, dois magníficos percursos de Ezequiel Gamero das Neves (53 s.) e Vasco Ribeiro (54,3 s.), seguidos de Vasco Dias Pereira (1 m. 02,3 s.).

Sem adversário que o apouquiasse, Eurico Surgey venceu os 100 metros-costas, juniores e seniores, em 1 m. 20 s. Fernando Madeira, à vontade, creditou-se de 1 m. 04, s., aos 100 metros-livres. E Albano Fidalgo de Oliveira (Estoril), impôs-se nos 200 metros-brugos, com 3 m. 18 s.

As estafetas constituiram dos melhores momentos do programa, em todas triunfando o Sport Alguês e Dafundo:

5x66 metros-mariposa, sem distinção de categorias — Bória, Perdigão, Trovão, Madeira e Barbeiro — 1 m. 53 s.

3x66 metros, estilos, sem distinção de categorias — Bória, Perdigão e Madeira — 2 m. 32,8 s.

4x33 metros, estilos iniciados — Amaral, Neves, Trovão e Araújo — 1 m. 41 s.

4x33 metros, estilos, principiantes — Calisto, Dias Pereira e Barbeiro — 1 m. 09 s.

7x33 metros-livres, sem distinção de categorias — Madeira, Barbeiro, Perdigão, Bória, Surgey, Oscar e Ezequiel — 2 m. 13 s.

ABREU TORRES

A ÉPOCA DE 1950

apreciada por SALAZAR CARREIRA

V — corridas de barreiras

Os dez melhores do ano foram:

110 m., Luís Alcide, 15,4 s.; Ricardo Durão, 15,6 s.; Matos Fernandes, 15,8 s. Mário Lourenço, 15,9 s.; José Cameira, 16 s.; Carlos Cunha, 16,2 s. Fernando Romero, 16,4 s.; Natal Santos, 16,5 s.; A. Abrantes, 16,6 s.; Rebelo e R. Pignatelli, 17,4 s.

400 m.: Matos Fernandes, 55,7 s.; Natal Santos, 57,8 s.; Artur Dias, 58,2 s.; Fernando Romero, 58,7 s.; J. Cameira, 60,1 s.; M. Lourenço, 61,1 s.; Eugénio Lopes, 61,2 s.; M. Coelho, 61,8 s.; Armindo Morais e Adelino Monteiro, 62,4 s.

A média para os 110 metros nestas dez melhores marcas, é de 16,18 s. e para os 400 m. de 59,94 s. Nesta especialidade podemos assinalar apreciável melhoria técnica e, o que é muito importante, considerável aumento no número de praticantes. Para o facto contribuiu decisivamente a mudança de programa nas categorias jovens, adoptado em 1949; os principiantes e os juniores, disputando as suas provas, adquirem cedo interesse pela modalidade e quando chegam à categoria superior possuem já preparação técnica e experiência que lhes permitem alcançar resultados outrora reservados aos campeões.

Se Luis Alcide e Ricardo Durão, barreiristas já consagrados, encimam a lista de 1950 seguidos pelo atleta completo Matos Fernandes, seguem-nos três novos em evidente evolução progressiva e mais dois que, em experiência, podemos classificar entre estes dois grupos.

Mário Lourenço, José Cameira e Carlos Cunha, estreantes de 1949, melhoraram muito os seus recordes pessoais e é lastimável que o segundo, pelos seus afazeres profissionais, se tenha afastado das competições, pois consideramo-lo de todos, o de melhor classe. Sem que se possa, naturalmente, considerar perfeita uma técnica de passagem destes rapa-

zes, tal como é demonstra já bastante estudo e constitui base para o futuro aperfeiçoamento de pormenor que os guindará ao primeiro plano.

A velocidade entre barreiras é, parece-nos o ponto fraco dos nossos barreiristas dos 110 metros; por ser Cameira o mais veloz lhe concedemos maior confiança.

Todos, Ricardo Durão, por exemplo necessitam aumentar a sua velocidade pelo treino especializado, tanto ou mais do que a mecânica de transposição do obstáculo. Nos 400 metros, dominou ainda e de longe. Matos Fernandes apesar do começo de época difícil; especialista de boa classe, podemos contar ainda com a sua preciosa colaboração durante algumas épocas, mas é lícito esperar que consiga melhorar ainda o seu recorde.

Dos nove atletas que se lhe seguem no rol que apresentamos, sete estabeleceram a sua melhor marca; prova inofensível de melhoria real na especialidade.

Natal Santos, com a sua descontração; Artur Dias suprimindo a técnica pela energia e Romero — que pode em breve ser de todos o melhor — desceram abaixo do minuto, que Cameira rondou de muito perto. Preparados mais a fundo na distância os três que assimilaram já a passagem da barreira, poderão melhorar os seus tempos, aproximando-se da marca do actual campeão.

Mário Fonseca não possui ainda fundo para a distância, que talvez seja ainda demasiada para os seus recursos; Eugénio Lopes, de reais qualidades, é frágil para o rigor da prova e precisa de ganhar peso; Armindo Morais, corredor feito, e Manuel Coelho, pouco assíduo, são elementos úteis mas sem grandes aspirações e, para fechar este breve comentário, note-se que Adelino Monteiro, para estrela em tão difícil prova se instalou, com os seus 62,4 s., no 24.º lugar da tabela dos melhores resultados portugueses.

500 milhões de liras

gastaram os clubes italianos em jogadores estrangeiros

SEGUNDO a «Gazetta dello Sport», os jogadores estrangeiros que actuam nas equipas italianas custaram cada uma uma média superior a dez milhões de liras, o que na nossa moeda representa cerca de 5.000 contos.

Como os futebolistas importados, referimo-nos aos de classe internacional, especialmente suecos e dinamarqueses, são cerca de cinquenta, resulta que os clubes italianos que os adquiriram desembolsaram quinhentos milhões de liras.

Claro que as receitas dos desafios são extraordinárias, pois oferecemos-nos esta bagatela: uma média de cinco milhões de liras por partida. Desta importância ficam para os clubes metade, já que o Estado cobra 20% de impostos e 15% para gastos de deslocação da equipa visitante e 10% para os Estádios que pertencem quase todos aos municípios ou ao Comité Olímpico e finalmente 5% para pagar os gastos da organização dos encontros.

Além disto têm os clubes italianos quatro milhões de liras anuais, importância esta procedente do famoso «totocalcio» que é como se apellida em Itália o nosso «Concurso de Prognósticos».

Os prémios que pagam aos jogadores são de 10.000 liras por encontro empatado e 20.000 por desafio ganho. Há jogadores que entre ordenados e prémios sacam dois ou três milhões de liras por cada temporada.

Mesmo à noite, com a luz habitual do seu lar, pode obter boas fotos com LUMIÈRE

Altipan Ultra-rápida

Ortopédia Moderna

PRÓTESE ORTOPÉDICA

Fundas e Cintas medicinais
Pés e meias elásticas, Palmilhas para pé chato, Braços e pernas artificiais etc.



Direcção técnica de:
Mecânicos ortopedistas
Especializados

Travessa da Glória, 28
(Junto à avenida da Liberdade)

Telef. 21610

ESCOLA DE MOTORISTAS

“António da Escola”

A maior organização do País

dirigida superiormente pelo seu proprietário “António Gabriel Jerónimo” (com a assistência técnica do Eng. SETTE PIMENTA)

SÉDE:
R. António Maria Baptista, 24
LISBOA
Telefone 42629



SUCURSAIS:
Évora — Trav. do Sertório, 26
MONTEMOR-O-NOVO
P. da República (Auto-Rádio)

Oficina e Estação de Serviço — Rua Borges Grãinha, 15 — Telefone 44725 (à Rua da Penha de França)

O SELECIONADOR NACIONAL



Investido já, oficialmente, mais uma vez, no cargo de Seleccionador nacional, Tavares da Silva assiste à partida da Tapadinha, tendo a seu lado a boa companhia do jornalista Alberto Valente



Tavares da Silva responde ao discurso do professor André Navarro, desenvolvendo o seu pensamento sobre alguns dos problemas da Selecção Nacional

No final da posse, o professor André Navarro e Tavares da Silva trocaram um aperto de mão, que é uma promessa para o futuro

A cerimónia da posse do seleccionador nacional foi rápida, simples, mas significativa, além de ter a rodeada o aspecto de caso novo em assunto desta natureza. Desta vez — pela primeira vez! — a entrega dos poderes foi feita publicamente. O seleccionador nacional — dr. Tavares da Silva, nosso querido chefe de Redacção — tomou posse do seu cargo na presença de todos os dirigentes da actual Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol, representantes de clubes, jornalistas, jogadores e amigos pessoais. A sala da direcção do nosso primeiro organismo futebolístico encheu-se. Já antes, enquanto a hora prevista para o acto da posse não chegava, as outras duas salas da Federação se animavam com a presença de muitas pessoas conhecidas nos meios desportivos. Nessas salas, vivendo o seu ambiente próprio, austero, por entre recordações de tantos anos do futebol nacional, passou durante esses minutos de espera uma lufada de optimismo. A personalidade do novo seleccionador nacional de futebol intimamente ligada à sua especial maneira de ser, se não destruiu o ambiente pesado daquelas salas sob o tom escuro das suas paredes, avivadas num e noutro local pelos galardetes, dava-lhe, porém, certa alegria. Falava-se em tom alegre, de facto. Tavares da Silva — irrequieto, falador, cintilante — voltava daquelas salas a retomar um lugar de onde saíra rodeado de prestígio e depois de ter, mais uma vez dado generoso e inteligentemente a sua contribuição ao futebol português. A nomeação do nosso prezado e distinto camarada foi de uma maneira geral bem aceite. Desde o dirigente ao rapaz que um número qualquer de ficha de associado de clube não chega para o tirar do anonimato, o nome de Tavares da Silva veio encontrar um Muito Bem a sancionar a deliberação da Federação Portuguesa de Futebol.

A campanha futebolística deste ano carece de cuidados especiais, pela responsabilidade, de sempre, e firmar decididamente posição. Tavares da Silva aceitou esse pesado encargo, com a certeza e consciência das responsabilidades e por ser, como se diz em tom pitoresco e estruturalmente, uma pessoa da bola.

O ACTO DA POSSE DO NOVO SELECIONADOR NACIONAL

Ao primeiro andar do prédio n.º 30 da rua da E m e n d a acorreram muitas individualidades em destaque no meio desportivo. Tavares da Silva foi recebendo abraços e apertos de mão entre duas palavras de espírito e sorrisos acolhedores e de boa amizade. Óptima a apreciação. Po-

demos assegurar que o nosso querido camarada foi recebido da mesma forma no meio do grande público da bola e dos jogadores.

Em volta anotámos entre outras as seguintes pessoas, às quais juntamos as pessoas que, por telegramas, enviaram saudações ao nosso prezado companheiro de trabalho.

Dr. Campos Figueira, dr. António Ribeiro Ferreira, dr. Carlos Góes Mota, dr. Eduardo Oliveira Martins, prof. Afonso Rodrigues Queiró, dr. Luís Queiroz de Barros, dr. Mário Madeira, dr. Urgel Orta, eng.º Higino de Queiroz, A. Aires Martins, Francisco Manuel dos Santos, dr. Palma Raposo, eng.º Emilio Estácio, José Manuel Almeida Rio, dr. Eurico Serra, dr. Virgílio Paula, Carlos Alberto Pereira da Rosa, dr. Guilherme Braz Medeiros, dr. Balsemião, comandante Szelles Henriques, dr. Freitas Cruz, dr. José Duarte de Figueiredo, Francisco Henriques de Oliveira, dr. António Spínola, dr. João Baptista da Silva, Risko Gill, António Nogueira Leite, Alfredo Lima, prof. José Branco, Raimundo Prieto, dr. Albano Paulo, Eloi Silva, Jaime Franco, Artur das Neves Matos, Octávio Durão, dr. Tomas de Miranda Saravira de Lima Refolos, dr. António Pita, dr. Augusto Barreira de Campos, dr. José Martinez, dr. Amorim Afonso, João Rosa, cap. João Amado, Acácio Rosa, Gabriel da Fonseca, Manuel José dos Reis Boto, Severo da Silva Biscainha, Fernando Castro Neves, Humberto Borges de Castro, tenente Pinto Soares, Matos Moura, Francisco Casal Ribeiro, João Graça, Fernando Ramos, Alexandre Miranda, dr. Oliveira do Nascimento, Gil de Almeida, Jaime Guedes, dr. Santos Pinto, Jorge Barroso, Silvestre Rosmaninho, Carlos Amaro, José Casimiro, Manuel Adrião, Lidro Silva, Manuel Teixeira, Vasco Pereira da Cunha, Pires Guerreiro, Amadeu Seabra, João Figueiredo, Afonso Pereira de Carvalho, José Castelo Branco, Isaac

Sequeira, Francisco Silva, Mário Rodrigues, João Simões, Valentim (do Naval de Setúbal), António Ferreira dos Santos, Augusto Silva, João Biri, Alvaro Cardoso, Octávio Barros, os jornalistas Urbano Rodrigues, Carlos Rebelo da Silva, Luis Lupi, Trabucho Alexandre, Jorge Garcia, Freitas Gonçalves, António Sequeira, Mário Santos, Roland de Oliveira, Manuel Mota, Boavista Portugal, Pita Castelojo, Rodrigues Teles e Gomes Branco, o secretário da Federação das Astúrias Eduardo Rodrigues, Jorge Barroso, João Nabais da Cunha.

Fizeram-se representar ou manifestaram-se por telegramas as seguintes entidades: Associação de Futebol de Aveiro, Sporting, Portg. Atlético, Oriental, Vitória de Guimarães, Boavista, Clube Desportivo de Montijo e Ginásio Clube Figueirense. Estavam também presentes os membros do Conselho Técnico e seleccionadores na época transacta srs. Salvador do Carmo e João de Brito.

Da Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol estavam os srs. engenheiro André Navarro, drs. Fausto Vianna e António José de Melo e Mário Monteiro e capitão Maia Loureiro. Os srs. eng. Mascarenhas de Menezes e Alberto Brito comunicaram com o empossado, não podendo estar presentes, em termos muito amáveis...

O acto da posse foi lido pelo funcionário superior da Federação sr. José Trigo.

O sr. engenheiro André Navarro dirigiu a Tavares da Silva algumas palavras. Deu relevo às qualidades morais e técnicas, de boa observação e de melhor orientação, do novo seleccionador nacional, já apreciados em cargo idêntico por outras vezes. Disse do convencimento de todos na competência de Tavares da Silva e da sua dedicada atenção ao cargo que acabava de ocupar. E tinha a certeza de não se enganar — disse. Tavares da Silva acedendo a ocupar esse espinhoso

encargo, a bem do futebol nacional, fazia-o com plena consciência e aceitava o encargo não desonhecendo o pesado fardo que teria de suportar.

O nosso querido camarada usou então da palavra. Não fez um discurso longo e cheio de reticências, nem traçou um plano. Falou com singeleza, conversando durante dois minutos.

Não previa o que iria suceder — talvez muitos tivessem já formada a próxima selecção nacional — mas tinha confiança em si, e sobretudo na colaboração de todos, dirigentes, jogadores e críticos desportivos. Uma colaboração íntima de todos suavizaria certamente os espinhos do cargo e seria penhor de boa actuação.

Isa iniciar o seu trabalho — afirmou — com dedicado espírito e compreensão ao que de facto representava o cargo de seleccionador nacional de futebol. Recebia essa nomeação emocionado mas confiante na lealdade de todos os quantos andam no desporto e que no desporto quem nunca bem. A selecção nacional de futebol nem seria um problema só dele, mas de todos os desportistas.

Simplemente, mas em ambiente de pura simpatia, Tavares da Silva e o engenheiro André Navarro trocaram um vigoroso aperto de mão. Terminara o primeiro acto da vida do novo seleccionador nacional de futebol.

FERNANDO SA

Tanto na nossa redacção, como na do nosso prezado e distinto colega «Diário de Lisboa», onde Tavares da Silva dia e dia reparte a sua actividade, e ainda na Federação Portuguesa de Futebol, têm sido recebidos inúmeros cartões e telegramas felicitando o nosso distinto camarada pela sua escolha para seleccionador nacional de futebol.

tudo para profissionais e amadores

LUMIERE

COM LUMIERE... FAZ QUANTO QUER.

«Sou de Évora... e do Benfica!»

— **Afirmou ANTÓNIO JOAQUIM CARAÇA**, o avançado-centro junior do clube do Campo Grande.



A OS sete de Fevereiro de 1932, há deztoito anos, nasceu em Évora um «pimpolho» morenço, desenvolvido, que atrou os ares com um alarido nada vulgar. Seria esta a melhor maneira de anunciar-se aos surpresos familiares do «barulhento» que acabava de vir ao Mundo quem imporla o nome paterno à admiração das multidões? É possível que sim!

Entretanto, rolaram anos não mais do que cinco — e logo os progenitores do António Joaquim se deram conta de quantas arrelhas haveriam que sofrer, ao constatarem a tendência que o miúdo manifes-

tava para se entregar ao prazer do futebol, traduzido nos primeiros pontapés às bolas do «cautcho» que o incipiente desportista levava da loja do pai — destinadas a prémios de senhas de rebuçados.

Depois... depois foi assim — segundo vo-lo conta o António Joaquim Caraça:

— Um dia, tinha eu 15 anos — idade em que poucos acreditavam, dado o meu físico avantajado — tomel parte num desafio entre os solteiros e os casados do meu bairro. Na assistência, estava o sr. Fialho, que era treinador do Sport Lisboa e Évora, e fui procurado por ele, depois, para ir treinar ao seu clube.

«Como gostava da camisola encarnada, pois era o Benfica o clube da minha simpatia, recebi o convite com alvoroço, e lá fui. Treinei duas vezes, e disseram-me que tinha futuro.

— Porque não ficou na filial do Benfica, então?

— Sabe o que é ter 15 anos, e querer jogar a sério, não é verdade? Pois foi o que me sucedeu. O Benfica de Évora não tinha equipa de infantis, e apareceu-me um rapaz amigo, o Francisco Alexandre Mochila, a tentar-me com o Juventude, que possuía uma escola de jogadores.

«Tentou-me... e convenceu-me — termina o António Joaquim Caraça.

— Temos, portanto, que a sua carreira foi iniciada no Juventude?

(Continua na página 6)

Caraça, que no domingo passado marcou um golo maravilhoso eleva-se muito bem, revelando grande flexibilidade



SEGUNDA DIVISÃO



TUDO MAIS BARATO

— TAÇAS E EMBLEMAS DE TODOS OS CLUBES —
OURO, PRATAS E JOIAS
SÓ NA OUIVESARIA
MIGUEL A. FRAGA, L. DA
LARGO MARTIM MONIZ, LOJA 18
(PAVILHÃO DOS OUIVES)

Curiosa e movimentada fase do encontro Palmense-Futebol Benfica ganhou por este por 5-0

ACADEMICA 3 GUIMARAES 2



Fotos DAVID

Em Coimbra chove! Silva lança-se e a decisão a respeito mate seggar. A bola saí fora!



Capela defende no momento nevrálgico. Branco e Azeredo assistem à jogada

OLHANENSE 3-BELENENSES 2



Fotos PATRÍCIO



Pinto de Almeida tenta cortar uma jogada, mas o adversário está bem lançado

Golo do Olhanense Serafim ainda corre mas sem resultado práticos

CUF I LUSO O

Salvador, auxiliado por Sousa I, executa uma defesa difícil



NOTA DA SEMANA

Os parisienses estão em vias de rever as antigas predileções, aplaudindo em massa o popular cancionista Maurice Chevalier, eternamente jovem, e a luta japonesa que deliciou, há anos, os burguezes ventruços e as emidnettes românticas.

Na semana última o vasto recinto do Palais des Sports foi invadido por doze mil pessoas, cuja ansiedade era grande, não querendo perder o festival de «judo» que ali se efectuava com o concurso do aplaudido lutador nipónico, Shozo Awazu.

Sob a batuta do presidente da federação francesa de «ju-jitsu», Bonet-Maury, grande cópia de participantes — na maioria alunos do mestre Kawashi — envergando o tradicional quimono, bateram-se asperamente. Por último, Awazu fez frente aos dez melhores jukodas franceses e despachou-os a todos, em 9 minutos e 35 segundos, deixando a assistência maravilhada com a sua elasticidade, rapidez e sabedoria.

Tanto sob o aspecto desportivo como do ponto de vista financeiro, a restauração do singular desporto de Raku, Akhtar Ono e outros, triunfou em toda a linha. De tal maneira que se prevê, para um futuro próximo, outras sessões do género, proliferar em golpes exóticos e de designação bárbara, como os seutemi, hanegoshi, najeno-katas, etc.

A implantação do judo em França parece definitiva. Esse método científico de combate, no qual as vantagens de peso, estatura e força são praticamente nulas, exerce uma fascinação, sem limites, no espírito dos fracos. Arma subtil, secreta e decisiva, tem a vantagem do misterioso.

Menos sanguinário que o jogo do boxe, mais espectacular que a greco-romana, falta-lhe, no entanto, a parcela emotiva do primeiro e a simplicidade da segunda. Sob o aspecto prático é, ainda, motivo de disputa, se corresponde na vida real às promessas feitas no palco. Mas o renascimento do juujitsu é mais um sintoma que uma causa; representa o estado de espírito da nossa época, cheia de tendências medievais e temerosa de olhar para deante.

A tecla, excessivamente batida, de que o negro Joe Louis está salfo de trocos para liquidar um insignificante débito à fazenda americana — diga-se de passagem, anda à roda de oito mil contos — e decidiu servir-se do físico como meio de reunir algumas notas, produziu diversas reacções no público.

Assim, o crítico de boxe do nosso confrade de Londres, Daily Mirror, discordando da resolução do famoso ex-campeão, propôs que fosse criado um fundo de auxílio e oferecesse para contribuir com um dólar à sua parte. Desta maneira, (acrescenta o ironista britânico) os admiradores do etlope podem, sem dificuldade, acudir-lhe, neste transe passageiro e embaraçoso.

Vamos, colega! Um pouquinho de respeito, pelos males alheios, nenhum mal lhe pode trazer. O bombardeiro de Detroit deu frequentes exemplos de generosidade, ajudando espontaneamente os Fundos de Auxílio do Exército e da Armada dos Estados Unidos, para merecer o tratamento, pouco amável, que lhe dispensa.

Talvez haja uma pontinha de despeito, nos bastidores do sulto, pelo derrube dos projectos arqueteados pelo empresário Jack Salomons. Este negociante de peixe que, nas horas vagas, dominava o boxe em Inglaterra e pretende, ainda, elevar o seu principal figurante ao trono dos pesados, viu gorados os desígnios.

Agora, Ezard Charles é campeão do Mundo, sem apelo, reconhecido urbi et orbe. É caso para promover uma subscrição, em benefício do israelita Salomons, para cobrir o insucesso das suas manobras.

OTTO MAYER, chanceler do Comité Internacional Olímpico e centro das decisões deste prestigioso organismo declarou, há dias, que a participação da Alemanha e do Japão, aos Jogos de Helsinquia, em 1952, se encontra defendida.

Contra o Japão nada existe, por não ter sido excluído nunca do comité. A recusa dos australianos, quanto aos Jogos de 1956, é mais teórica que real, e ainda há muito tempo, até lá.

O caso da Alemanha é diferente. Os noruegueses, a quem cabe organizar os Jogos de Inverno, nem por graça desejam discutir o assunto, de tal modo que os atletas alemães só podem apresentar-se em Helsinquia, e isto se o congresso, a realizar em Viena de Austria (Maio de 1951), não discordar do projecto sugerido pela comissão executiva do Comité.

Como vê o leitor, o caso apresenta-se bastante biceudo. Só o que nos traz perplexo é a desigualdade, porquanto a Alemanha e o Japão foram países beligerantes.

Ou a lógica é uma batata ou o merecem igual tratamento.

RAFAEL BARRADAS



Futebol

O Campeonato das Ligas Inglesas, apesar do desafio Eacécia-Gales, disputado em Cardiff e ganho pelos jogadores escocezes, com o resultado final de 3 a 1, prosseguiu na toada do costume.

A primeira observação a fazer é a permanência dos primeiros classificados das Divisões I, II e III Meridional nos respectivos postos. Pelo contrário, o líder da III Setentrional, Gateshead, retrogradou com benefício de Trammer.

Os artilheiros do Arsenal obtiveram no terreno de Aston Villa um belo empate, em especial se levarmos em linha de conta a falta dos dois internacionais, que alinharam pelo País de Gales, e os ferimentos do guarda-linha Swindin e do defensor Smith. Lutando toda a 2.ª parte com 10 elementos, foi um resultado admirável conservarem-se vencedores até ao 25.º minuto.

A superior percentagem de tentos, marcados e recebidos, permite-lhe conservar-se à frente do Newcastle United, apesar de igual pontuação.

Abaixo deles segue Middlesbrough, com um ponto de diferença, diante de Manchester United e Tottenham Hotspurs, em igualdade e a três do primeiro classificado.

Na cauda, Chelsea, Sheffield Wednesday e Everton continuam em perigo de baixar à segunda Divisão da Liga.

O grande resultado da jornada foi a derrota de Stoke City, batido pelos londrinos de Tottenham, por 6-1.

Na 2.ª Divisão, Manchester City, privado também de 2 internacionais, teve de empregar-se a fundo para ganhar a Swansea, por 3-2. Em segundo e terceiros vêm Coventry e Blackburn Rovers, distanciados de Birmingham, Barnsley, Southampton, Preston Nord End, etc.

Na Bélgica, o Racing C. Bruxelas compartilha dos três primeiros postos, juntamente com o F. C. de Liège e o F. C. Malinois. Todos com 11 pts. só o Anderlecht e Malines, com 9 pts., vêm em 4.º e 5.º lugares.

O desafio entre Milão e Juventus, os dois dianteiros do campeonato de Itália, proporcionou grande entusiasmo popular. No fim de 40 minutos, registava-se um empate a 1 bola, mas o estádio de Turin encheu-se com 85.000 espectadores e o produto das entradas foi de cinco-centos milhões de liras!

Estrasburgo, vencedor de Rennes, por 1-0, mantém-se no primeiro lugar da classificação, com 17 pontos. Atrás dele encontram-se Rennes (14), Lille (13) e Havre (12).

Ciclismo

Virgilio Soldani, considerado menos capaz do que outros concorrentes ao Circuito da Lombardia, foi o vencedor, afinal, da importante prova, à frente de Bevilacqua, Fausto Coppi, Zampini, Kubler, etc.

Soldani e Fausto alcançaram o cume da Madona del Ghisallo com 40 segundos de vantagem sobre o mais próximo dos seus seguidores, Minardi. Quando chegaram ao estádio Vigorelli, de Milão, já Bevilacqua, Zampini, Kubler, etc., lhes iam na cola, mas o ciclista da Bianchi ganhou a todos no arranço final, gastando 5 horas 49 minutos e 49 segundos, no percurso de 222 quilómetros de extensão.

Fausto Coppi, ainda que não haja triunfado, realizou uma excelente prova, ao atendermos à sua forma actual. Gino Bartali ficou em 31.º, no tempo de 5 h. 57 m. 7 seg. Apesar de batido, ele, Magni e Kubler portaram-se à altura do seu prestígio e da reputação que usufruem.

Boxe

O campeão do Mundo de semi-médios, pretendente ao título da categoria superior, Ray Robinson, pôs fora de combate, no 6.º assalto, na Arena de Boston, Joe Rindone, que não é um insignificant.

Em Providence, Tommy Yaross, primeira série americano de meio-pesados, bateu por pontos o jovem Charley Anglee.

Joe Louis insiste em manter-se na brecha. Fala-se num próximo encontro contra o argentino César Brion, a realizar em Chicago.

Vic Towel, detentor do título mundial de «levisimos», ganhou nitidamente ao italiano Nuvolini, em Johannesburg (África do Sul). A decisão foi-lhe atribuída por pontos, em 70 assaltos.

Artie Diamond, bom peso-médio dos Estados Unidos, bateu o italiano Armando Amanini, por fractura da mão. O árbitro suspendeu o combate ao 5.º round.

Em Paris, o antigo campeão europeu de mínimos, Maurice Sandeyron saiu vitorioso do combate com o italiano Conforti. Na mesma sessão, Tino Cardinale empatou com Dante Enisi.

Basquetebol

Os primeiros campeonatos do Mundo do jogo da «bola no cesto» está decorrendo em Buenos Aires (Argentina) no meio de grande entusiasmo.

Os finalistas europeus, França e Egíptio, bem como a Sudestávia e a Espanha, eleitos depois da repescagem de Nice, lutam contra a coligação americana, composta pelo Brasil, Equador, Perú, Argentina, Chile e Estados Unidos.

A Argentina é nitidamente favorita, em particular após a sua vitória sobre a França, por 56 a 40. Fizeram uma grande demonstração.

Os Estados Unidos ganharam ao Chile, por 37 a 33, mas revelaram pouca coesão e grande falta de eficácia perto do cesto. Os chilenos, por sua vez, bateram os Sudestávia, por 49 a 24, e como estes últimos haviam perdido com o Perú, foram eliminados da prova. O mesmo sucedeu aos equatorianos, batidos pela França, por 48 a 43.

A Espanha lutou excelentemente contra os egípcios, perdendo por uma escassa diferença.

Ténis

A equipa de Itália venceu a da França, no Fórum Italiano, de Roca, por sete vitórias a seis. Tanto franceses como italianos não se apresentaram na máxima força, devido a indisposição de Cucilli e Abdesselam. No desafio de maior vulto, Rolando del Bello bateu Marcel Bernard, por 6/3, 5/7, 6/4 mas o francês derrotou anteriormente Marcelo del Bello — irmão do antecedente — por 6/8, 6/4 e 6/0.

O alemão Barão de Von Cramm, ganhou o campeonato internacional de Barcelona, no qual participou Pedro Masip. Este jogador perdeu na meia-final com Cernik, ex-checo, pelo resultado de 6/3, 6/4 e 6/3, enquanto que Von Cramm eliminou Luis Carles, com facilidade.

VISITEM O
Restaurante Chinês
Avenida Guerra Junqueiro, 9 - LISBOA

Experimentem a nossa mesa redonda servida à chinesa, sete pratos, todos de especialidades chinesas

O FLUVIAL em festa

O Clube Fluvial Portuense vai comemorar o seu 74.º aniversário. É o mais velho clube desportivo da cidade do Porto, e todos sabem que muito a tem honrado na prática dos desportos considerados «pobres». Colectividade que se tem dedicado especialmente aos desportos do rio, no remo conquistando títulos regionais e nacionais, não desprezou nunca outras modalidades, como basquetebol, vela, voleibol, natação, andebol — um dos pioneiros — ténis de mesa, bilhar, box e tiro, aqui triunfando igualmente em torneios nacionais de muita categoria.

Os 74 anos do Fluvial merecem por isso ser comemorados com o estilo de organismo honroso, muito digno de figurar ao lado dos verdadeiros paladinos do desporto no nosso país. Pelo velho Clube Fluvial Portuense têm passado das mais distintas figuras do desporto, tanto praticantes como dirigentes. É uma verdadeira reliquia da beira-rio, um padrão para o Porto que o admira e viu nascer.

O Fluvial justifica os seus títulos de instituição de utilidade pública, Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo, Medalha da Cidade do Porto, Cruz Vermelha de Dedicção e Consagração Desportiva. Mereceu-os pelo seu esforço titânico, ora vencendo crises e contrariedades, ora lutando para que a sua chama se não perdesse à medida que os anos iam passando.

Parabéns ao glorioso clube ribeirinho. E cá ficamos esperando pelas «bódas de diamantes».

ARBITROS PORTUENSES

Os elogios a dois árbitros portuenses, Anísio Morgado e Vieira da Costa, honram os dois conhecidos elementos. Na verdade, tanto um como outro, têm procurado cumprir rigorosamente com a sua obrigação, ora melhorando a causa dos arbitragens, ora correspondendo ao alvoroço dos árbitros de quem desaja ver um desafio exemplarmente dirigido.

Anísio Morgado, como Vieira da Costa, foram chamados a dirigir, agora e noutros anos, desafios que a qualquer pareciam complicados. No entanto, por indicação da crítica e do próprio público imparcial, os dois categorizados juizes de campo conseguiram firmar os seus créditos, impondo-se pela sua correcção, competência e imparcialidade.

Nós gostamos sempre de assistir a uma boa arbitragem. Tanto como a um bom jogo. Um árbitro sabedor, desapaixonado, deixa-nos sempre satisfeitos. O contrário — aborrecer-nos.

Por isso mesmo, embora na classe dos árbitros estejam alguns dos nossos melhores amigos, nunca deixamos de os criticar, — dizendo bem, se o merecem; condenando, se largas falhas tiverem posto sombras no seu trabalho. Julga-se, algumas vezes, que somos implacáveis. Em nosso entender, somos justos.

O amigo é o amigo — o árbitro é o árbitro. Quanto a Anísio Morgado e Vieira da Costa, um caso portuense, temos de considerar as referências elogiosas como justo testemunho à sua categoria de elementos de boa capacidade técnica e de exemplar imparcialidade. Honram a classe de árbitros e honram sem dúvida a sua Associação. Merecem portanto estas palavras de louvor e de sincero apreço. Elas aqui ficam.

Para as boas fotografias carece da película ultra-rápida Altipan LUMIÈRE

Na Capital do NORTE NO ESTADIO DAS ANTAS

esteve em perigo a construção de uma pista de ciclismo

As obras continuam — embora lentamente. A despeito de tal lentidão, porém, há quem tenha esperança na abertura do Estádio no dia 28 de Maio! O orgão do F. C. Porto, suficientemente esclarecido, e autorizado, deixa nas suas colunas o sabor da notícia, que todos anseiam justificadoamente.

Para já, sabe-se que amanhã, dia 2, será feito o concurso para o arrelvamento. Eis a grande aspiração da massa desportiva portuense, que por certo continuará a interessar-se abertamente pelas obras do campo de jogos que deve contribuir para a valorização desportiva da cidade do Porto. Logo que a semente seja lançada à terra, o F. C. Porto começará a pensar unicamente na bancada e arqui-bancada. E na pista de atletismo. E, também, na pista de ciclismo.

Esta, segundo uma informação recente, parece que esteve em perigo. Ou não se contou com o espaço para ela, ou por outra qualquer dificuldade, viu-se que só aprecia o desenho da pista destinada aos desportos atléticos.

O ciclismo, porém, é modalidade que no Porto, e no Norte, tem fiéis adeptos. Logo, possuindo o F. C. Porto boa equipa, sem dúvida das mais fortes do país, não faria sentido que o seu futuro Estádio não tivesse campo próprio para a acção dos seus praticantes.

Acredite-se, portanto, na construção da pista de ciclismo, porque sem ela ficaria enfraquecido o Estádio das Antas. Ainda a propósito deste futuro parque de jogos, dividem-se opiniões sobre a exploração do actual campo do F. C. Porto estabelecendo-se correntes favoráveis ao Lima.

Ora, um conhecido marechal do F. C. Porto, abordando o dilema do problema, disse-nos há dias o seguinte:

— Nada, mesmo nada nos deve obrigar a ir para o Lima!

— Mas o campo nem chega para os sócios...

— É infelizmente verdade. Hoje, o F. C. Porto, não pode aceitar sócios para bancada. Mas será precisamente esta e outras dificuldades que hão-de contribuir para acelerar a construção rápida do Estádio das Antas!

— Estou a perceber...

— Claro que se nos agarrássemos «sempre» à solução do Lima, iam nos considerando o nosso problema resolvido. Não valeria a pena insistir e trabalhar. O campo da Constituição não chegava? Iamos para o campo do Académico. Era cómodo...

— Assim...

— Assim, sofremos desafio por desafio várias contrariedades e ganhamos ânimo para arrumar a casa. Pensamos constantemente nas necessidades do clube e procuramos resolvê-las. A nossa coraça é e será esta:

— Precisamos do Estádio! Precisamos do Estádio! Vamos a trabalhar na sua construção! Não há soluções transitórias, não pode haver nada a vencer-nos.

«Agradecemos muito a amizade daqueles que nos procuram levar para o Lima. Mas o Lima não é nosso — é do Académico. O nosso, por enquanto, é o da Constituição. É pobre, pauperismo. Mas lá para as Antas, meu amigo, alguma coisa se está a passar... Esperemos mais um pouco. Tenhamos paciência.

As palavras do nosso amigo, palavras de pessoa interessada e competente para falar sobre o momentoso assunto, fazem acalantar esperanças. Deixam também a perceber que a decisão do F. C. do Porto está inteiramente tomada. Por agora, o clube continuará na constituição, e a esperança de mudar breve é cada vez maior.

Assim seja. Mas não se esqueça que não lhe devem faltar as pistas de ciclismo e de atletismo. Esta, está assegurada, segundo se vê. A outra nem por sombras deve ser posta de lado. Compreendido?

DANCING DE LUXO **ARCADIA** VARIEDADES \$ 0,30 e 2,15

GRANDE ÊXITO DO **TRIO BARSÍ**

SUCESSO GRANDIOSO DO **BALLET HELIOS**

GRANDE SUCESSO DE **Adelita Creado** Sucesso do Vocalista **CASSAGNE**

Mary Mely ★ Dunia ★ Rosa Estrella ★ Herm. Baron Petta Levante ★ Mary Arilla ★ Marissa Mar ★ Ana Maria

2 Orquestras **NOTURNO** e **ARCADIA**

ARMELINO BENTES

O F. C. P. tem o seu técnico de futebol, como as restantes colectividades, evidentemente. No entanto, as pessoas que têm assistido mais de perto aos treinos da Constituição mostram-se impressionadas com as sessões de ginástica ministradas por Armelino Bentes.

De facto, não se mantendo os jogadores refractários à ginástica, pois todos a aceitam com alegria e boa disposição, verifica-se facilmente que o trabalho de Bentes vale bem a de um treinador de futebol.

As segundas partes da equipa do F. C. Porto tem agradado pela maneira voluntariosa e rápida como todos os seus componentes se movimentam. Os jogadores do Porto, pelo menos até aqui, não tem acusado qualquer dificuldade durante os 90 minutos, e o facto deve-se com certeza à sua preparação física — ao trabalho de Bentes.

Há dias, um desportista muito nosso amigo, chamou a nossa atenção para esse facto e disse-nos:

— Um bom treinador de futebol serve belamente uma equipa, já se sabe. Mas também se deve prestar justiça ao labor dos que ensinam ginástica aos praticantes. Ora, em abono da verdade, o professor Armelino Bentes tem sido dentro do clube um «operário» anónimo mais utilíssimo. Não sei se já deram por isso os adeptos do F. C. Porto.

Tem com certeza razão este nosso amigo. Mas os seus conselhos já se aperceberam naturalmente das vantagens adquiridas pelos seus atletas em contacto com os exercícios ministrados por Bentes, aliás um elemento que também sabe de futebol...

Curiosidades...

Carece de fundamento a notícia de ingressar na equipa do F. C. Porto um médio de ataque vindo do Sul. Nessa linha, está o clube bem servido.

● Todavia, é natural que dentro de pouco tempo surja uma novidade nas fileiras do F. C. Porto — na linha avançada...

● O regresso de Armando (Carioca) ao grupo do Bessa, deu maior poder ofensivo ao Boavista. A rapaziada da camisola xadrez não se considera batida, e nem sequer desanimada. Há tempo para se recompor.

● Agradou no Porto a notícia de ter sido chamado a desempenhar o posto de seleccionador nacional o dr. Tavares da Silva. Desta cidade foram-lhe enviados muitos telegramas.

● Continuaremos apenas com um bom grupo de andebol portuense? Esperava-se que o Académico fosse adversário forte, mas o F. C. Porto ganhou-lhe por 17-3 e isto indica grande desmvel. Veremos, domingo próximo, o valor do Vigorosa.

● No último domingo deslocaram-se para Braga milhares de desportistas portugueses. Foi impressionante. Na véspera, não havia lugares em qualquer género de transportes.



Visita da Imprensa ao Ginásio - Sede do BARREIRENSE

Os representantes da Imprensa, a convite do Barreirense, visitaram o ginásio-sede do clube, em construção, tendo oportunidade de admirar uma das mais belas obras que um clube português tem levado a cabo.

Publicamos um aspecto dessa visita, e a fotografia da respectiva maquette que revela a importância da obra e o valor da iniciativa.



CICLISMO Campeonato de velocidade de júniores



Uma fase do Campeonato Nacional de velocidade para Juniores, vendo-se em corrida os dois únicos concorrentes, Pedro Polainas (o vencedor) e Rogério Espada. São ambos do Sporting

Liga o seu palpite...
JOGUENACASA
CAMPÃO
RUA DO AMPARO, 116 PRACA DO ARIERO, 5-A
LISBOA

TORNEIO DE ABERTURA DE ANDEBOL

Animada fase do jogo entre o Sporting e o Glória, que o primeiro ganhou pelo elevado resultado de 13 a 2.



Patinagem artística — Maria Eduarda, consagrada patinadora algarvia, numa exibição plena de harmonia

GINASTAS PORTUGUESES NO BRASIL



O dirigente José António Marques e os ginastas portugueses José Garcia Alvarez e Hernani Jardim, do Ginásio Clube Português, descem do Bandeirante da Panair à sua chegada ao aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, sendo recebidos entre outras pessoas pelo sr. José Teixeira de Novais Junior, presidente do Clube Ginástico Português

COM
FARINHA 33

um homem vale por três